ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
NUMERO 37

Lisboa, 1 de Julho de 1927

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Urotropina effervescente Schering

Refresca

porque com ela se prepara uma bebida gazosa de sabor agradavel

Evita

porque é o profilactico mais eficaz contra as enfermidades infecciosas

Cura

porque a Urotropina é segundo a opinião de todos os médicos, o mais poderoso desinfectante interno.

Insista n'este empacotamento original Schering.

Os vossos filhos.

Mamães! vós que contemplais enternecidamente os descuidosos recreios de vossos filhos, não vos esqueçais nunca que o unico meio de os revêr tais como eles são hoje é o de, uma e outra vez, fixárdes para sempre, com um "Kodak" as suas encantadoras atitudes.

Um "Kodak" dar-vos-ha, dia a dia, deliciosas fotografias cheias de naturalidade, que mais tarde, revivereis com emoção, quando o vosso Bébé já não fôr um Bébé, quando o vosso filho já não fôr uma criança.

Bébé só ficará Bébé nas vossas fotos "Kodak"

Ele crescerá, a sua mocidade passará, mas só os vossos instantaneos não envelhecerão. Portanto, comece hoje mesmo o "Album de Bébé".

Vá hoje mesmo escolher o vosso "Kodak".

Em qualquer bôa casa de artigos fotográficos encontrareis uma pessôa competente que vos mostrará com prazer, a superioridade dos aparelhos "Kodak" e vos prestará todos os informes para o seu manejo.

"Kodaks Vest-Pocket Autográficos"....	desde.	110$00
"Pocket Kodaks Autográficos"	desde.	205$00
"Brownies" de Caixa, para as crianças...	desde.	50$00

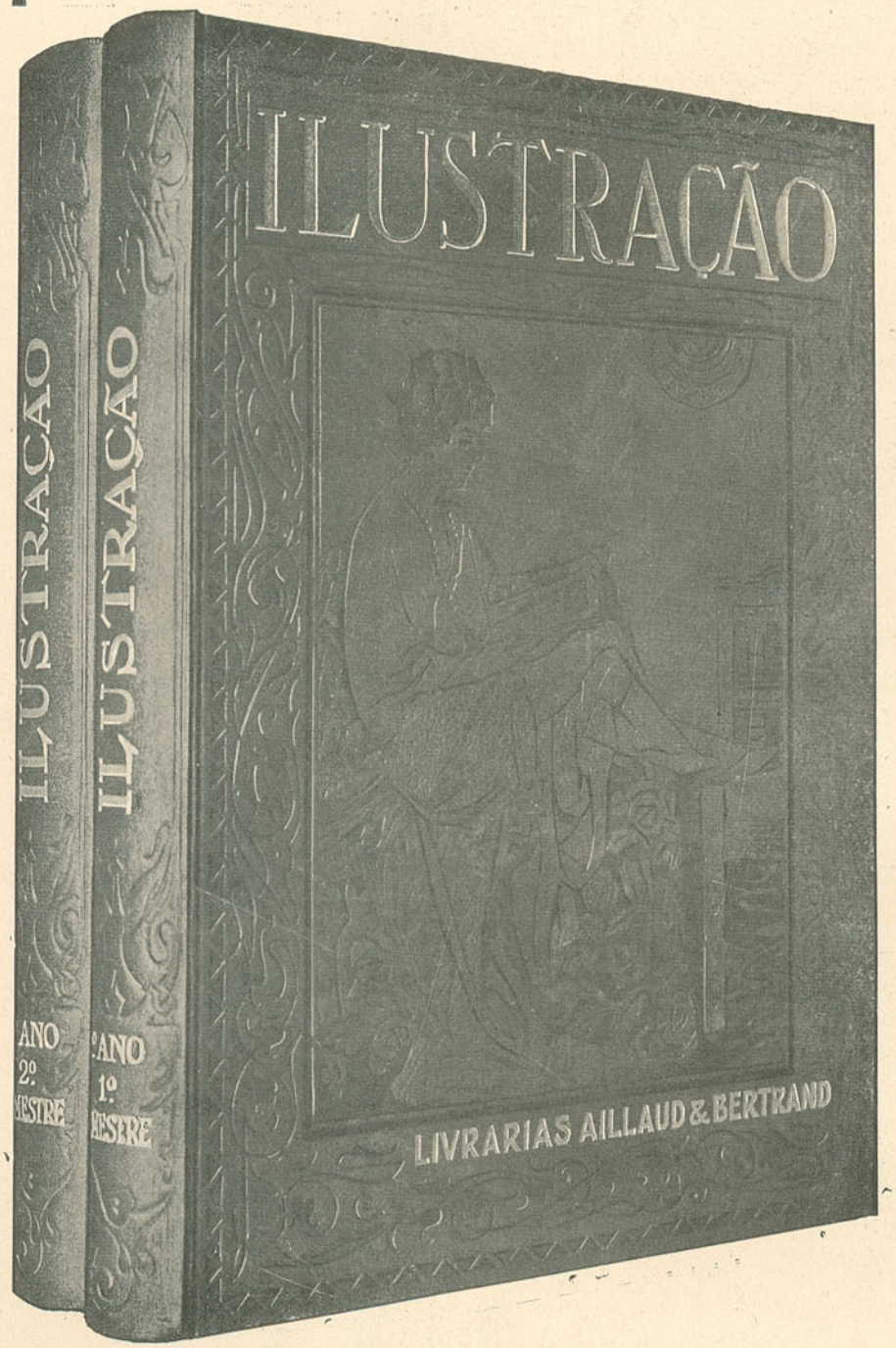
Para garantia de exito.

Não aceiteis um aparelho qualquer, insisti por um "Kodak", ele será o segredo do vosso sucesso. Não o carregueis depois senão com "Pelicula Kodak" - em embalagem amarela - com cuja qualidade podeis contar sempre; e, finalmente exigi que as provas dos vossos negativos tenham impressas no dorso a palavra "Velox". Ficareis seguro de possuir os melhores resultados possiveis.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisbôa.

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DA



I ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

II ANO

1.º Semestre

Cada volume

encadernado

ESC. 68$00

Capa em percalina

com ferros especiais

por cada volume

ESC. 12$00

Capa

e encadernação

(cada volume)

ESC. 20$00

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS

AILLAUD

E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Todos os colccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 3 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, os números 13 a 24 para o 2.º volume e os números 25 a 36 para o 3.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

Todas as caixas contendo as genuinas peças Dodge Brothers teem este rotulo, que é posto para protecção de quem as necessite adquirir.

PEÇAS GENUINAS PARA OS POSSUIDORES DE AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

Os compradores de automoveis Dodge Brothers e de auto-camions Graham Brothers são protegidos completamente por um systema uniforme de serviço que está em execução em todo o mundo.

Em toda a parte em que isso é possivel, os donos dos nossos carros podem adquirir de negociantes auctorizados peças genuinas por preços razoaveis. O trabalho de reparação é feito promptamente por artifices que teem perfeito conhecimento dos productos Dodge Brothers.

Convem aos donos, para protecção dos seus interesses, que comprem unicamente peças Dodge Brothers e utilizem só o serviço auctorizado por Dodge Brothers.

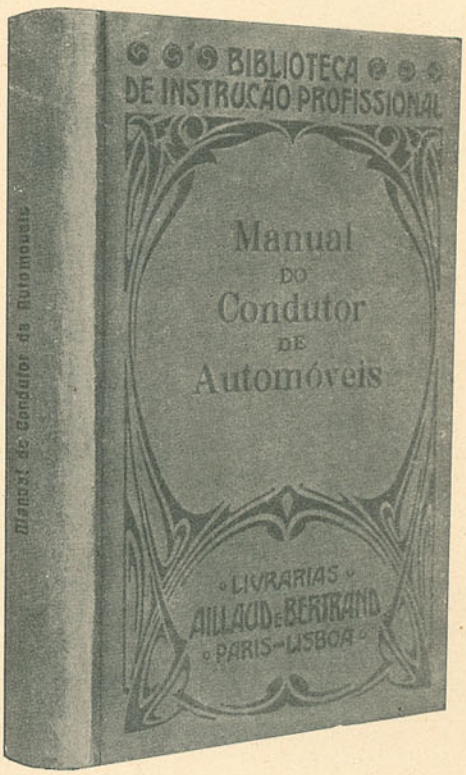
Conseguirão assim a grande duração e o perfeito desempenho que teem dado fama em todo o mundo aos automoveis Dodge Brothers e aos auto-comions Graham Brothers.

BERNARDINO CORRÊA LTD.
SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS
LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

AOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS

RECOMENDA-SE



ÊSTE MANUAL

COMO PRESCINDIVEL PARA A SUA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, POIS CONTÉM A

Discrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gazolina, arrefecimento do motor, principios de electricidade e inflamação. Orgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rôdas, pneumâticos, câmaras de ar e iluminação. Caixa de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chássis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabélas, legislação, etc., por

ANTONIO AUGUSTO MENDONÇA TAVEIRA

UM VOLUME DE 664 PÁGINAS ENCADERNADO EM PERCALINA

ESCUDOS 24$00

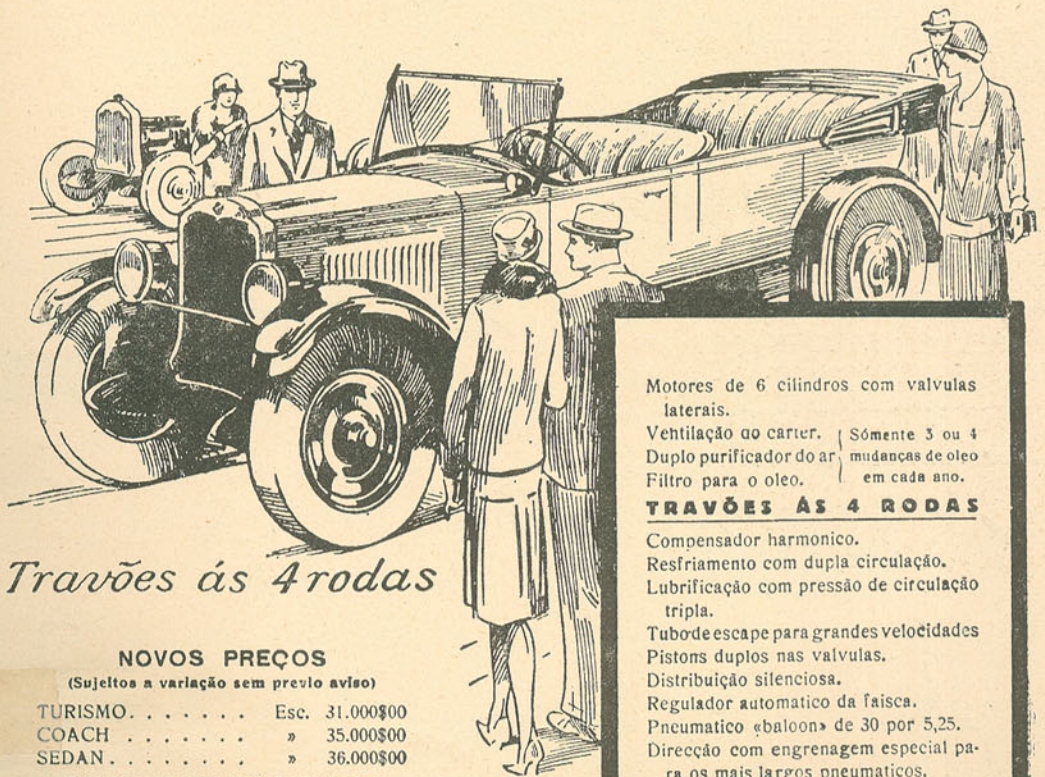
PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Comparem os valores conhecidos que revelam o merito dos automoveis

OLDSMOBILE SIX



Travões ás 4 rodas

NOVOS PREÇOS
(Sujeitos a variação sem previo aviso)

TURISMO	Esc.	31.000$00
COACH	»	35.000$00
SEDAN	»	36.000$00

Todos os carros completamente equipados, incluindo o 5.º pneumatico

GENERAL MOTORS PENINSULAR. S. A.
PLAZA DE CANOVAS, 4
MADRID

CONCESSIONARIOS EM TODA A PARTE

TOSCANO & CRUZ, L.DA
Rua de S. Paulo, 117
LISBOA

S. DE SOUSA AZEVEDO
497, Rua Formosa, 407-C
PORTO

Motores de 6 cilindros com valvulas laterais.
Ventilação do carter. } Sómente 3 ou 4
Duplo purificador do ar } mudanças de oleo
Filtro para o oleo. } em cada ano.

TRAVÕES ÁS 4 RODAS

Compensador harmonico.
Resfriamento com dupla circulação.
Lubrificação com pressão de circulação tripla.
Tubo de escape para grandes velocidades
Pistons duplos nas valvulas.
Distribuição silenciosa.
Regulador automatico da faisca.
Pneumatico «baloon» de 30 por 5,25.
Direcção com engrenagem especial para os mais largos pneumaticos.
Caixa de mudanças de suave manejo.
Faroes de duplo filamento comandados no volante.
Niquelagem especial, **permanente.**
Pintura **DUCO.**
Beleza de linhas, completamente equipado, com carrocerias **FISHER** e todos os outrros requisitos que o comprador verá.

OLDSMOBILE SIX

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & Cie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Gostaes Dos Bons Bocados?

Na verdade são muito agradaveis, mas o peor é o mal que fazem á saude! Para recompôr o estomago e intestinos e evitar-lhes qualquer fadiga, não ha como recorrer regularmente aos saes de fructa "ENO".

O ENO é uma preparação salina efervescente, sem assucar ou sal mineral purgativo, que dá vigor ao organismo e anula os efeitos das indisposições do estomago e figado, devidos a um desvio ou falta de regimen. O ENO estimula o intestino, desobstruindo-o suavemente. Possue muitas das propriedadesbeneficas da fructa e é, para os gulosos e amadores de bons petiscos, o amigo de hoje, de amanhã e de sempre.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Cº. LTD
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas

SAL de FRUCTA
ENO
"FRUIT SALT"

PETROLE HAHN POUR LES CHEVEUX

PETROLEO
HAHN
PARA O CABELO

M. d. F.

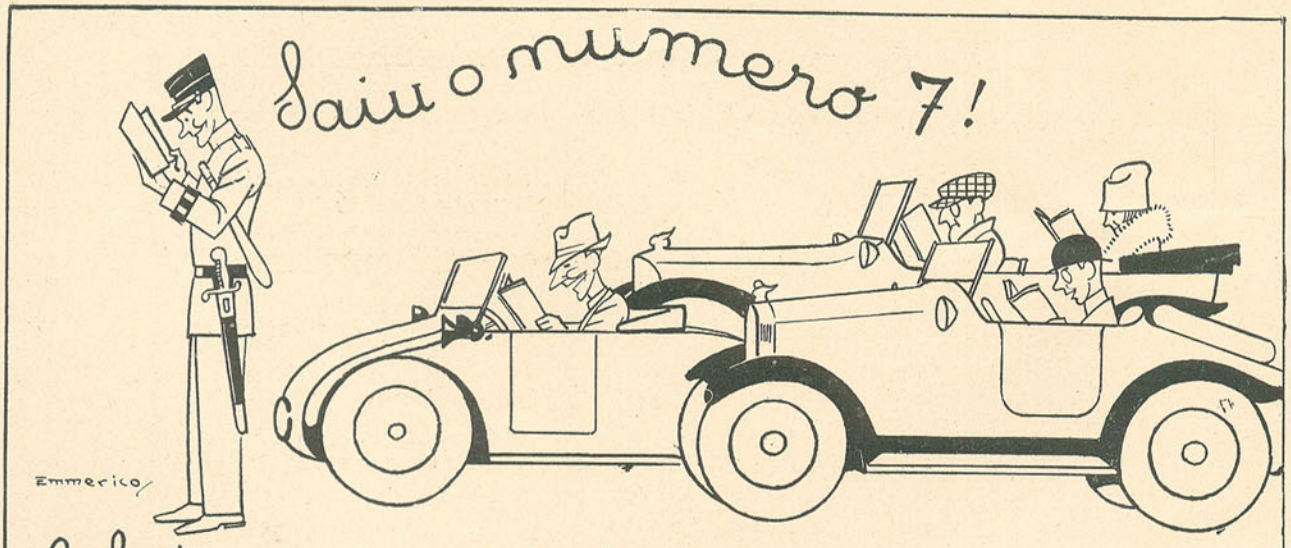
Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira.

FRASCO GRANDE 24$00 FRASCO PEQUENO 17$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositários: J. DELIGANT, L.DA

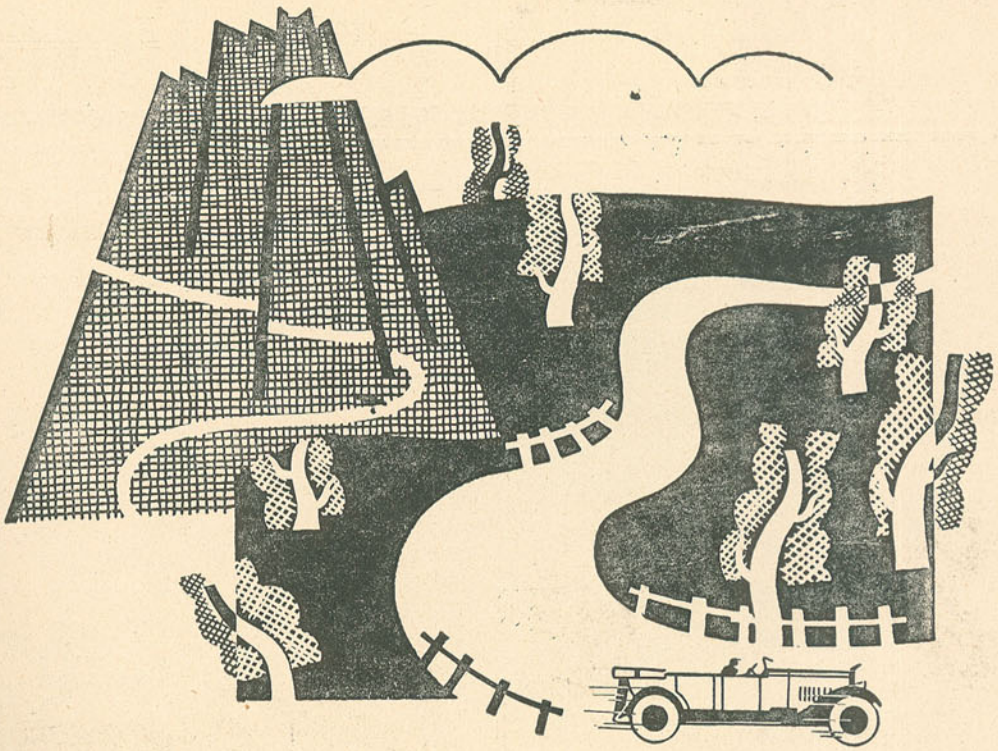
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA


Saiu o numero 7!

A leitura que mais distrae e divérte é a do

MAGAZINE
BERTRAND

Na Administração da «ILUSTRAÇÃO», Rua Anchieta, 25, compram-se exemplares em bom estado do n.º 28, a Escudos 10$00 cada



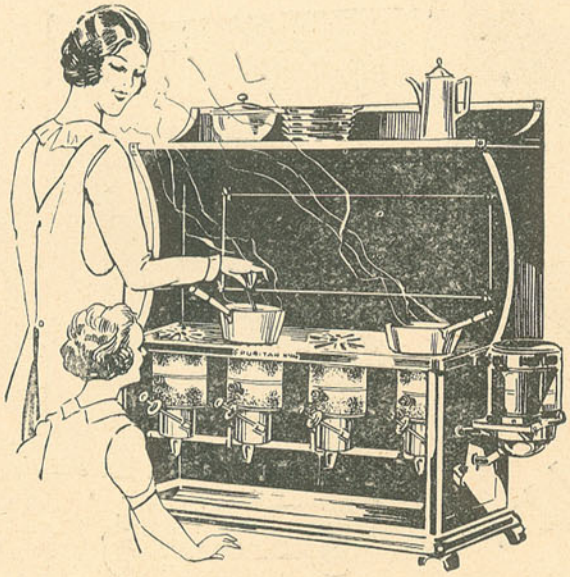
A Atracção Das Viagens!

O Studebaker Standard Six, com o seu admiravel e perfeito funcionamento, garante-vos o conforto maid absoluto em todas as vossas excursões. O motor é maleavel ; a condução facil ; o consumo de gazolina minimo. O seu luxo eguala a sua elegancia e a sua robustez. O vencedor na estrada garantirá sempre uma bela viagem.

Unicos representantes para Portugal
C. SANTOS LDA.
LISBOA : Rua Nova do Almada 80-2º.
PORTO : Praça da Liberdade
Edificio da Nacional.

STUDEBAKER

S c 44



Ao alcance de todos

O FOGÃO PURITAN

DE CHAMA AZUL E SEM CHEIRO

É comodo, aceiado e economico; pode acender-se cada chama separadamente.

Para facilitar a aquisição de qualquer dos modelos do Fogão PURITAN, instituimos a sua

VENDA A PRESTAÇÕES

EM

8 pagamentos mensais

SÓ DEVE USAR

SUNFLOWER

O PETROLEO PREFERIDO
PARA
COSINHA, ILUMINAÇÃO E AQUECIMENTO

VACUUM OIL COMPANY

R. da Horta Seca, 15 e 17 – Rocio, 67, e nas suas Agencias da Provincia

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25-Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR-TÉCNICO: FELICIANO SANTOS

ANO 2.º—NUMERO 37 PUBLICAÇÃO QUINZENAL 1 DE JULHO DE 1927

CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL DE MADRID

A DISTINTA AMAZONA PORTUGUESA, D. MARIA AMALIA PINTO BASTOS, QUE NO ULTIMMO CONCURSO HÍPICO REALIZADO EM ESPANHA OBTEVE O 1º E 2.º PREMIOS DE AMAZONAS, TENDO-SE CLASSIFICADO TAMBBÉM BRILHANTEMENTE NA PROVA DE «PARELHAS», COM O TENENTE, SR. IVENS FERRAAZ

CRÔNICA DA QUINZENA

Vasto e complexo como é o problema português, de sua natureza moral e pedagógico, não é fácil estudá-lo, e muito menos resolvê-lo satisfatóriamente, se o não decompuzermos nos elementos necessáriamente conexos, mas sem dúvida distintos, que o constituem.

Em qualquer país, mas sobretudo num país democrático e republicano, em que haja uma percentagem de sessenta a setenta de analfabetos, impõe-se, antes de mais nada, reduzir a mancha do analfabetismo à sua expressão mais simples, que nunca pode ser o zero, por motivos e razões que, sendo de ordem intuitiva, todos conhecem de sobejo.

Dos seis milhões de habitantes que tem Portugal, mais de metade, pelo menos três milhões e seiscentos mil, não sabem ler. Não sabemos, ao certo, como é feita a respectiva Estatística; mas admitimos fàcilmente que os seus dados numéricos são susceptíveis de correcção. Talvez a percentagem de analfabetos, que ainda há poucos anos era de mais de setenta, seja agora inferior a sessenta; mas é preciso considerar que na Estatística não figuram como analfabetos indivíduos que apenas conhecem as letras, alguns sabendo *pintar* e não escrever o nome, ornamentando a assinatura com letras maiúsculas, distribuidas a capricho.

Concedamos que a nossa percentagem de analfabetos é de cincoenta, chamando analfabetos tão sómente aos indivíduos que não sabem escrever uma letra, nem sabem soletrar uma sílaba. Mais de metade dos outros cincoenta garatujam letras e mastigam palavras, não podendo considerar-se como instrução intelectual êste rudimentaríssimo saber.

Mas acabou-se; admitamos que dos seis milhões de habitantes que tem Portugal, *apenas* três milhões são analfabetos, no mais rigoroso significado da palavra.

Uma Sociedade que tem de marchar arrastando êste pêso morto, não pode fazê-lo desembaraçadamente, sobretudo se a não dirigir e impulsionar uma *élite*, filósofos, sábios, literatos e artistas, obreiros do pensamento, exercendo um pontificado espiritual, muito superior ao de Roma.

Dá-se o caso de nós, infelizmente, não termos essa *élite*, graças à qual a Rússia pôde resistir à tirania obscurantista dos czares, acumulando fôrças de reacção intelectual e moral que lhe permitiram, em plena guerra, fazer o seu 89, de maior alcance social que o da França, a seguir pervertido e desnaturado pelo delírio bolchevista, monstruosamente sanguinário.

Há um mínimo de ensino que todos devem receber, e êsse mínimo cifra-se no ler, escrever e contar. Só os indivíduos de inteligência degradada ao nível da mais baixa criminalidade são insusceptíveis de receber êste mínimo de instrução; todos os outros podem recebê-lo, e a todos êle deve ser dado.

Ouve-se dizer, freqüentemente, a pedagogos de café ou de escada, que o simples ler, esrcever e contar, não é própriamente instrução, e que os indivíduos que adquirem esta prenda, num grande número de casos, são pretendentes importunos a situações que não podem ocupar, fugindo ao trabalho útil, que realizariam com proveito seu e alheio.

Se o indivíduo que aprendeu a ler é capaz de sentir interêsse e prazer na leitura; se o que aprendeu a escrever é capaz de fixar ou transmitir pela escrita os seus pensamentos ou desejos; se o que aprendeu a fazer contas é capaz de realizar as modestas operações de cálculo que importam aos usos comuns da vida, não é possível afirmar, a sério, a inutilidade desta instrução elementaríssima, e deixa de ter a menor sombra de razão aquela *boutade* que vem n olivro de Th. Huxeley—*As sciências naturais e a educação* — expressa pouco mais ou menos nestes termos: — *Ensinar as crianças a ler, escrever e contar equivale a ensinar-lhes para que serve a colher, o garfo e a faca, sem lhes dar seguidamente os alimentos de que necessitam.*

Convem notar, antes de mais nada, que não se pode adquirir a instrução máxima sem ter adquirido, primeiro, a instrução mínima, a qual deve ser ministrada a tôdas as crianças que sejam capazes de a receber, impossível como é, sem êsse reagente, conhecer as que poderão útilmente, prosseguir nos estudos, cada qual conforme o seu gôsto e aptidões. Segundo Galton, a percentagem de indivíduos que poderão, convenientemente instruidos, vir a ser distintos, é de um para quatro mil, e a dos indivíduos superiormente dotados, potencialmente génios, não vai além de um por milhão.

Tomando como bons, embora susceptíveis de correcção, êstes números de Galton, o sábio ilustre que escreveu os *problemas da biologia*, Huxeley, definiu assim a índole e a finalidade do ensino: — *O objecto mais importante de todo o plano de educação é deitar a mão a estas criaturas excepcionais e aproveitá-las em benefício da sociedade. Ninguem saberia dizer onde elas estarão; como as outras, os tôlos e os maus, elas surgem dos palácios e das cabanas; mas o grande fim que é preciso ter em vista, ia quási a dizer o objectivo mais importante de tôda a organização social, consiste em impedir que êstes gloriosos sports da natureza sejam corrompidos pelo luxo ou aviltados pela pobreza, e em colocá-los numa posição em que êles possam desempenhar a tarefa para que são particularmente aptos.*

A questão do ensino, da educação, como lhe chama Huxeley, é eminentemente social; se ao indivíduo convem ter o máximo de instrução que possa adquirir, segundo as suas aptidões mentais, à sociedade convem que êle o adquira, e assim a utilidade de cada um coincide com a utilidade de todos, isto é, da Sociedade.

Evidentemente a Escola primária não pode ser um lugar de selecção das competências intelectuais, ainda, por assim dizer, embrionárias, só vindo a definir-se mais tarde, quanto à sua natureza e intensidade; mas tem de ser, deve ser o ponto de partida de tôdas as crianças a caminho da vida, a pobreza do maior número, da grandíssima maioria, infelizmente, impondo à Sociedade, representada pelo Estado, a obrigação de não deixar que elas fiquem, por falta de meios, na cegueira dos analfabetos, como se fôssem réprobos entre eleitos e escolhidos.

Não será razoável admitir que nos três milhões e pico de portugueses que não conhecem as letras, nem sabem lidar com os números, é que se encontram as inteligências vigorosas, fortes e sadias, que deveriam palmilhar até ao fim a carreira dos estudos?

Será fantasia ou paradoxo aventar que nos milhares, um ou dois milhões de portugueses que por motivos de vária ordem se ficaram, em matéria de instrução, no ensino elementar que fornece o Estado, é que se encontrariam os talentos robustos, hábeis para a alta cultura da Filosofia, da Sciência ou da Arte, entre êles podendo haver algum génio, conforme a presunção de Galton?

Para cima de quatrocentas mil crianças não teem lugar nas escolas do Estado, e em muitas centenas de localidades, relativamente importantes, não há Escola pública ou particular que ministre a rudimentaríssima instrução que consiste em ler mal e escrever pior, contando pelos dedos.

Que não há dinheiro...

O que se gasta com o turismo, scientífico, diplomático e politiqueiro chegava para fazer muitas escolas, e a economia resultante duma administração inteligente e escrupulosamente honesta daria para se fazerem tôdas as Escolas que nos faltam, apetrechando-as convenientemente.

Não valia a pena ter-se feito a República, para se caír no reinado da Estupidez.

BRITO CAMACHO.

SOCIEDADE ELEGANTE

1 — Na paroquial de Santa Justa e Rufina, realizou-se o casamento da sr.ª D. Aida de Jesus Lucas com o sr. Alfredo Blattman, inteligente director do Francfort-Hotel do Rossio

2 — Na igreja de Santa Isabel, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Matilde da Silveira e Lorena com o sr. Francisco José de Albuquerque Cavalcanti de Medeiros Tavares

3 — No Lumiar, na igreja de S. João baptista, realizou-se o casamento da sr.ª D. Lúcia Aida Correia Denis com o sr. Francisco António da Silva

4 — Casamento da sr.ª D. Helena Augusta de Sousa da Maia Machado de Vasconcelos com o sr. Vasco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcelos. A cerimónia realizou-se na cidade de Braga, em capela armada no salão do solar da noiva

AS MAIS BELAS ENTRE

AS 38 REPRESENTANTES DA BELEZA MUNDIAL, QUE EM GALVESTON DISPUTARAM A FLORIDA COROA TEVE A SUA DIGNA REPRESENTANTE E JUSTO É RELEMBRAR, NESTE MOMENTO, A ACÇÃO DECISIVA DO GUESA NÊSSE CERTAME DE DOTES

AS MAIS FORMOSAS

DA FORMOSURA. NESTE CONJUNTO DE GRAÇA E MOCIDADE, A BELEZA DAS MULHERES DE PORTUGAL FEMININOS DE GRAÇA E DE BELEZA

GRANDE JORNAL DE LISBOA, «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», PARA A EFICIÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO PORTU-

AS MAIS BELAS ENTRE

AS 38 REPRESENTANTES DA BELEZA MUNDIAL, QUE EM GALVESTON DISPUTARAM A FLORIDA COROA TEVE A SUA DIGNA REPRESENTANTE E JUSTO É RELEMBRAR, NESTE MOMENTO, A ACÇÃO DECISIVA DO GUESA NESSE CERTAME DE DOTES

AS MAIS FORMOSAS

DA FORMOSURA. NESTE CONJUNTO DE GRAÇA E MOCIDADE, A BELEZA DAS MULHERES DE PORTUGAL GRANDE JORNAL DE LISBOA, «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», PARA A EFICIÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO PORTU- FEMININOS DE GRAÇA E DE BELEZA

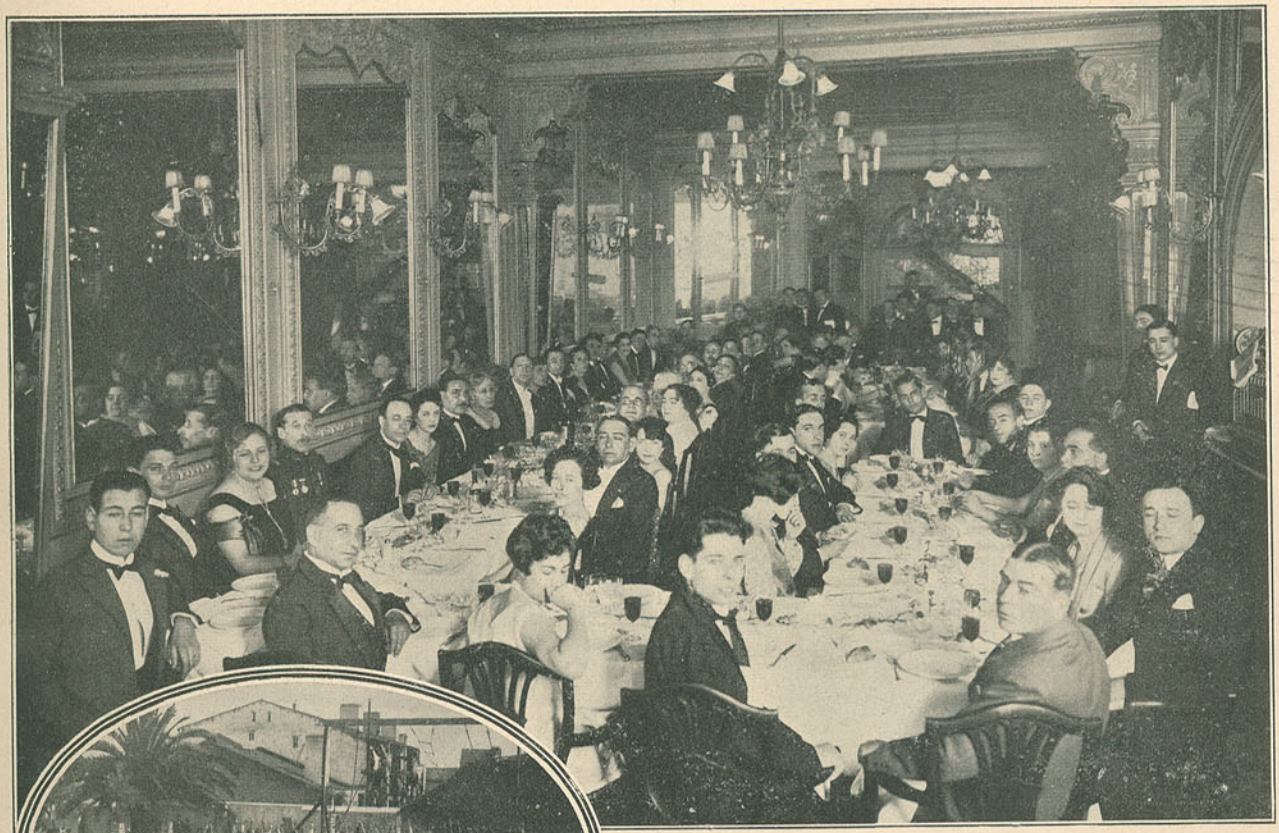
ACTUALIDADES

Grupo de assistentes à inauguração da exposição que o artista português, Almada Negreiros, realizou na Union Ibero-Americana, em Madrid. Da esquerda para a direita: Modesto Cadenas, Novais Teixeira, Madame Novais Teixeira, D. Francisco Carrajal, Dr. Alberto Feliz de Carvalho, Ministro do Brasil, Almada Negreiros, Conde das Infantas (Director Geral das Belas Artes), Embaixador de Portugal, D. Nicolau Urgoïti, Sangronis, Marquês de Fuensanta de Palma

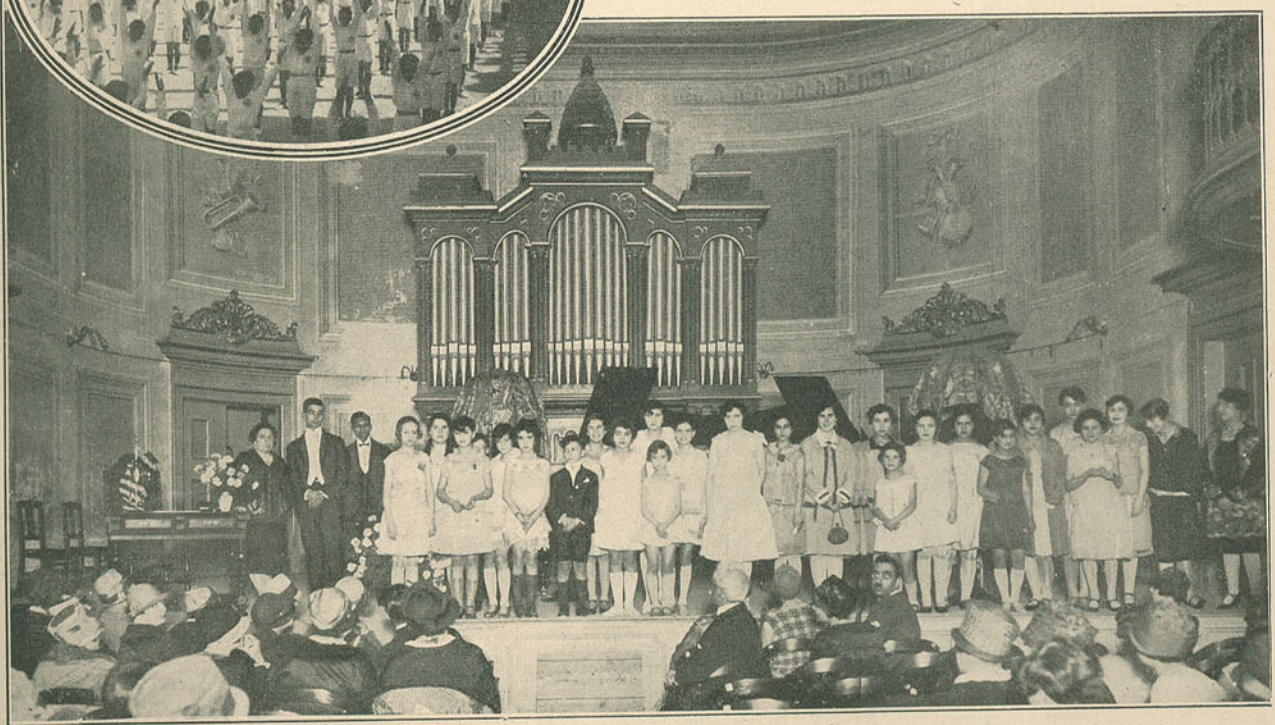
Bronze de arte oferecido pelos funcionários da Agencia Geral das Colónias ao distinto colonial e nosso colaborador, sr. dr. Armando Cortesão, por ocasião do banquete que em sua homenagem ultimamente se realizou, tendo sido proferidos vibrantes discursos, pondo em justo destaque a sua obra colonialista.

O antigo presidente da República Brasileira, sr. Dr. Artur Bernardes, em viagem pela Europa, visitou Lisboa, onde teve uma calorosa recepção

ACTUALIDADES



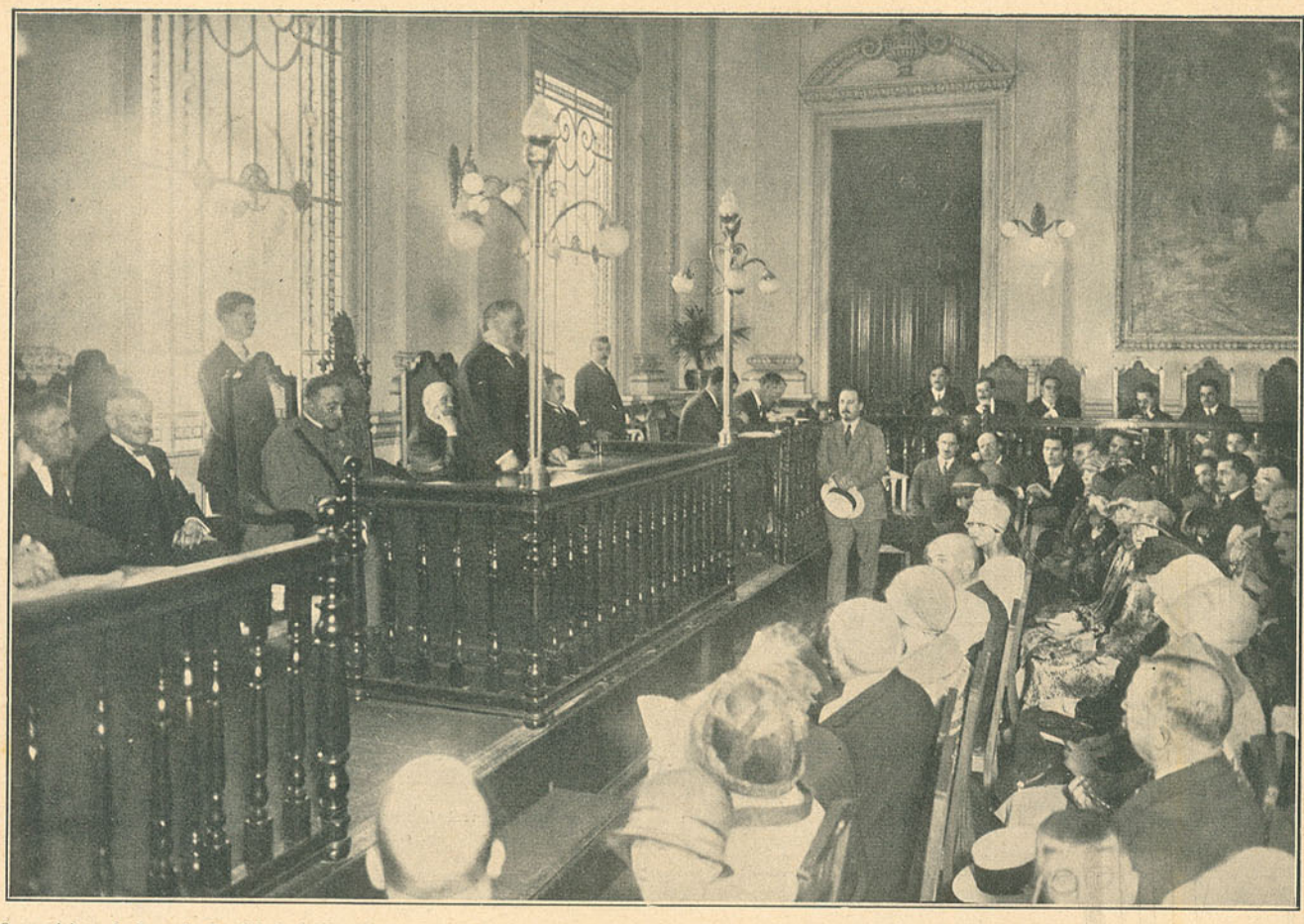
Assistência ao banquete de homenagem ao ilustre professor de canto, sr. Artur Trindade, oferecido pelos seus alunos



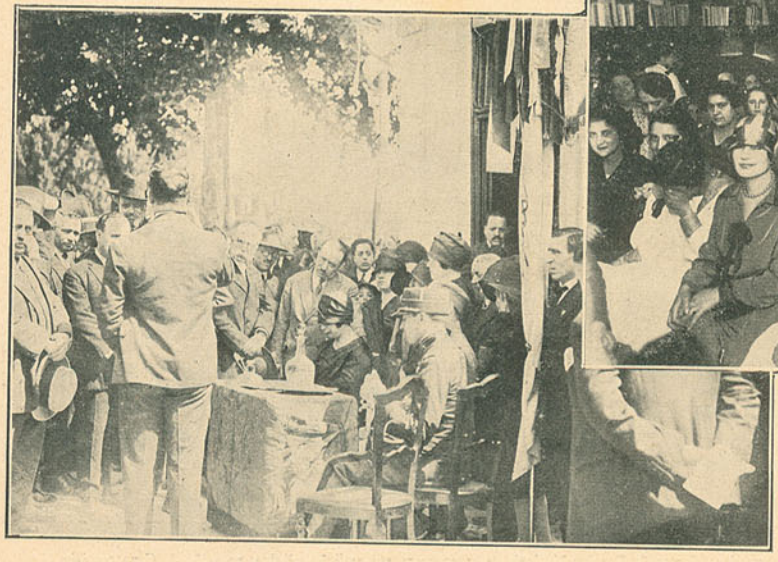
Os distintos professores, D. Lucila Moreira e Eduardo Libório, directores dos "Cursos de Estudos Musicais,, apresentaram, em audição pública, no salão do Conservatório, os seus alunos das classes de solfejo, canto, piano e história da música, tendo a interessante demonstrração de arte colhido o melhor êxito

NO OVAL: No Colégio Vasco da Gama realizou-se, com grande brilho, a costumada festa anual. A nossa gravura representa o um aspecto dos exercícios ginásticos executados pelos alunos

ACTUALIDADES



O sr. ministro da Instrução, Dr. Alfredo de Magalhães, que é também um distinto médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade portuense, presidiu à sessão inaugural, em 22 do mês findo, do Congresso Nacional de Medicina, que, com grande brilho e proveito da sciência, se realizou na capital do norte, reunindo larga representação de médicos de todo o país.



Não esqueceu o Porto a memória ilustre do maestro Ciriaco Cardoso, autor de partituras que ficaram clássicas, como as do "Solar dos Barrigas", "Burro do sr. Alcaide" e outras. Em singela mas sinceramente sentida homenagem, a capital do norte consagrou o nome ilustre de Ciriaco Cardoso, dando-o a uma das suas ruas. A nossa gravura apresenta o momento da assinatura do auto, após o descerramento da lápide da nova rua Ciriaco Cardoso, antiga rua da Mazorra. — Aspecto da assistência ao concêrto, realizado no Gabinete de Leitura da Companhia Portuguesa Editora, Limitada, do Porto, pelo distinto compositor, sr. Armando Leça, por iniciativa da revista portuense "Dionysos" e em que foram executadas, exclusivamente, obras musicais daquele maestro, que obtiveram um legítimo êxito.

CRISTÓVÃO DE FIGUEIREDO

A deposição de Cristo no Túmulo

Escola Portuguesa — Oficinas de Lisboa (Primeira metadde do Século XVI)

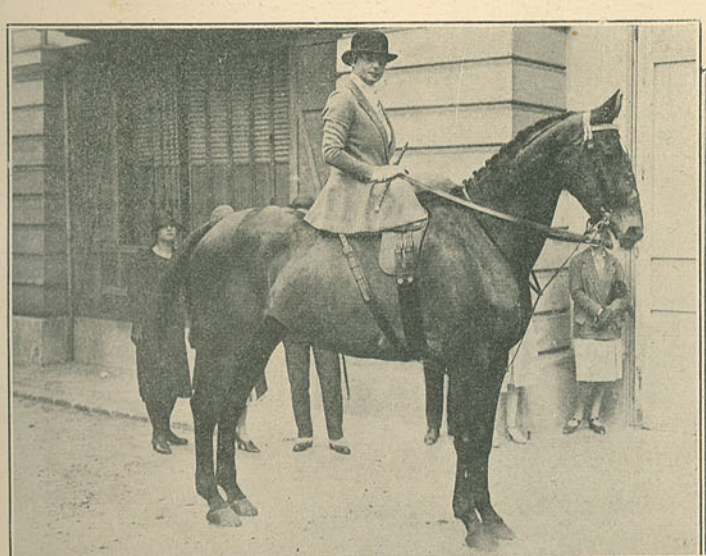
MUSEU DE ARTE ANTIGA

POR ÊSSE MUNDO

Com extraordinário brilho realizou-se em Paris a "Festa da Primavera,,. Um curioso cortejo percorreu as ruas da capital francesa. Dêsse cortejo damos dois interessantes aspectos

EM CIMA: o grupo de Robinsons no cortejo da "Festa da Primavera,,

EM BAIXO: O carro dos Spórts, no mesmo cortejo

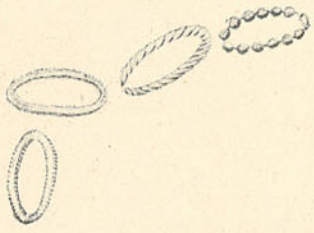


No Bosque de Bolonha realizou-se recentemente um concurso para a eleição da mais bela amazona. Foi vencedora Mademoiselle Olivia Bosclay

Na sua visita à fábrica de lâmpadas Philips, a Rainha da Holanda e sua filha, a princesa Juliana, comunicaram, por intermédio da estação de Eindhoven, de T. S. F., com a Índia Holandesa

JÓIAS DE OURO

Paris, o Paris leviano, inconstante, versátil, enfadava-se. A moda cristalizava numa uniformidade monótona, a arte do vestuário e do adôrno, à fôrça de requinte, fazia crise criadora. Nada se inventava já, que pudesse interessar, porque, esgotados tôdos os recursos de progresso, de apuro, de estilização, a imaginação não podia ir mais além no campo das criações delicadas



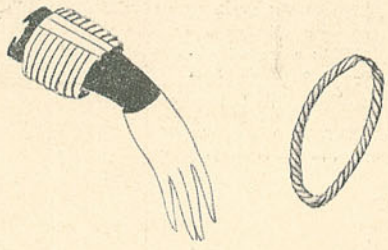
e não ousava retroceder, a inspirar-se noutras fontes abandonadas como insuficientes para alimentarem a ânsia de perfeição, inéditismo e originalidade que enfebrece a arte moderna.

Súbito, surgiu ante os olhos surprêsos do Paris boémio, uma estrêla extravagante, que logo o cativou com o fulgor dos seus olhos ardentes de crioula, com o aveludado da sua pele escura, com a excentricidade dos seus gestos, das suas danças, da sua psicologia. E logo o mundo elegante, arrastado pelo entusiasmo, começou imitando, copiando, a elegância de Josefina Baker, a estrêla negra que cativou Paris inteiro.

Daí resultou a súbita reaparição das jóias de ouro por todos há muito desdenhadas por inestéticas, plebeias, *saloias*... É que Josefina Baker adora as jóias de ouro. No seu colo de bronze, nos seus pulsos inquietos de nervosa, nas suas orelhas pequeninas de gaiata, o ouro coleia, tilinta, scintila com impressionante realce.

Tanto bastou para que logo as vitrines dos joalheiros elegantes se povoassem de brincos, braceletes, colares e mil e uma fantasias decorativas da formosura feminina, em que apenas o ouro, entretecido das mais engenhosas maneiras, figura como elemento de composição.

E hoje, os pulsos das elegantes parisienses, e das elegantes de todos os outros países que acompanham a par e passo a evolução da moda, cobrem-se de braceletes acamados profusamente; nos colos brancos, de onde as pérolas, por demasiadamente banalisadas, foram expulsas, enroscam-se hoje cadeias flexíveis de ouro, simulando umas cordões torcidos, tecendo outras fios delicadamente entrançados, à maneira dos antigos fios de ouro que as nossas avós tanto usavam para segurar a luneta ou o relógio minúsculo.



Os brincos de pedrarias preciosas, trabalhados com esmeros inexcedíveis, encontram perigosos concorrentes nas pezadas argolas de ouro no género das que figuram nesta página e que mostram muito da antiga arte de ourivesaria.

E o caso é que as jóias de ouro deixaram de tentar as mulheres do povo, as quais, aliás, lhes preferem hoje as pérolas de fantasia, os brincos cravejados de brilhantes esmeraldas, rubis e topásios fundidos, e passaram a tomar lugar de honra nos escrínios das elegantes de bom tom e nas vitrines dos joalheiros da moda.

Para isso bastou um sorriso travêsso de uma mulher negra...

LAR UNIVERSITÁRIO FEMININO

Fala-se muito da necessidade de casas de estudantes. Felizmente já existe uma, para as senhoras que frequentam a Universidade de Lisboa, fundada pelo esfôrço de algumas pessoas de boa vontade. Referimo-nos ao Lar Universitário Feminino, *instalado num prédio do Largo do Calvário, n.º 24, 2.º O sr. ministro da Instrução Pública, que tanto tem preconizado a fundação de semelhantes instituições, visitou-o no dia 1 de Junho. Acompanhava o sr. dr. Alfredo de Magalhães nesta visita, o sr. dr. Braga Paixão. Sua Ex.ª percorreu a casa louvando a ordem, o asseio e elegância com que tudo estava disposto. Durante o chá conversou Sua Ex.ª sôbre o andamento da casa e prometeu auxiliar tão louvável iniciativa, que vem na verdade preencher uma lacuna no nosso meio académico. O* Lar Universitário, *para poder tomar o desenvolvimento que merece precisa de ter sede própria no centro da cidade. Formulamos o voto de que a generosidade dos nossos leitores venha satisfazer êste desejo.*

Visita do Sr. Ministro da Instrução ao L. U. F.

A propósito do Lar *publicamos as seguintes linhas, devidas à pena gentil da Exm.ª Senhora D. Virginia de Castro Ferreira da Silveira, que o visitou há tempos.*

* * *

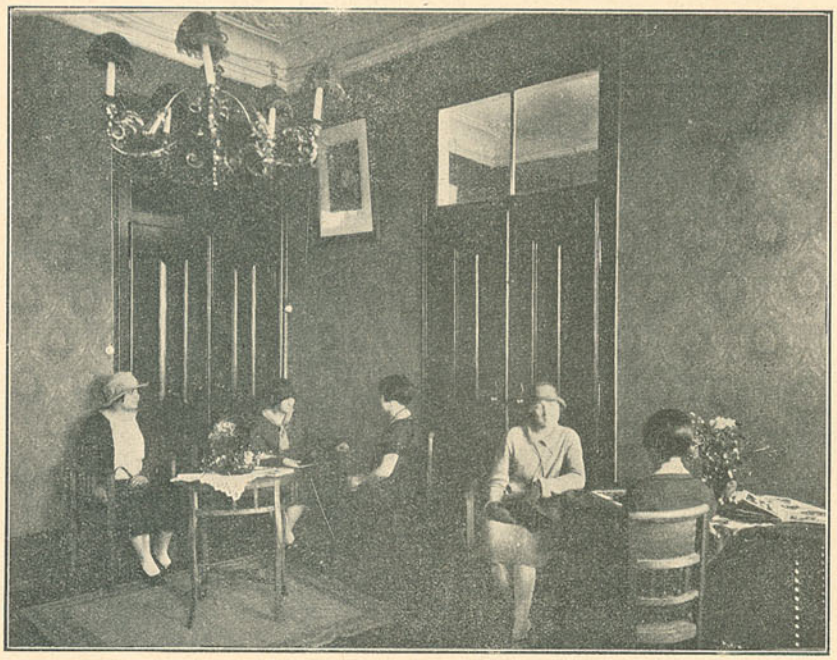
Conhecendo as grandes dificuldades por que passam as raparigas que seguem os cursos das nossas Universidades e não teem casa de família em Lisboa, surpreendeu-me agradavelmente a notícia de que entre nós se estava montando uma instituição destinada a servir de *lar* às raparigas que, longe dos seus, frequentam as escolas superiores. Eu sabia perfeitamente as faltas de carinho, confôrto e mesmo de respeito, de que são vítimas tantas vezes as raparigas nestas condições e quando o meu antigo professor o Dr. Valério Cordeiro me falou na organização desta casa calculei imediatamente o imenso auxílio que ela devia prestar, e que efectivamente presta já, às raparigas que longe da família se preparam para os títulos universitários de professoras, médicas, etc.

Mas, se a ideia em si me entusiasmou, devo confessar que desconfiei um tanto dos resultados. Não porque duvidasse das grandes qualidades de inteligência, bondade e persistência do principal organizador. Conheço-as muito bem e de há muito tempo. Tão pouco descria da boa vontade das pessoas que o auxiliavam. Mas como seria possível um *lar* formado por raparigas de famílias, regiões e meios diferentes? Como se conseguiriam entender e unir para viverem como pessoas da mesma família? Ou não atribuiriam à palavra *lar* o mesmo sentido que eu? Tôdas estas interrogações tiveram, enfim, uma resposta. O Rev. Dr. Cordeiro convidou-me a visitar o *Lar Universitário Feminino*. E, o que mais me admirou, posso dizê-lo, não foi a sua organização metódica, perfeita; a sua mobília modestamente elegante e confortável. Foi o ambiente de família que tôda a casa respirava. As doutoras já tinham enfeitado a casa com êsses nadas de que as mulheres fazem o confôrto e a elegância: almofadas, *abat-jours*, *naperons*. Durante os seus vagares trabalham para o embelezamento do Lar. O asseio e a ordem saltavam aos olhos. A amizade e a harmonia reinam entre aquelas raparigas.

Sala de estar, costustura e estudo

Contaram-me então como tudo aquilo se conseguira.

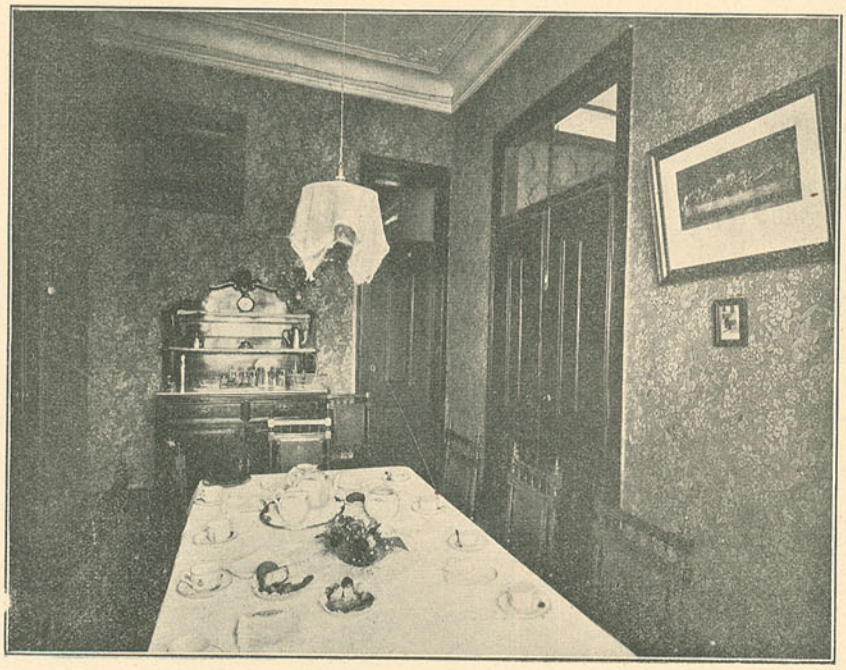
O Rev. Dr. Cordeiro, depois de uma viagem ao Brasil, trouxe de lá trinta e cinco contos para o começo da realização do seu projecto. Vários amigos seus de Lisboa o ajudaram também e foram êstes que recheiaram a casa com todos os pertences: louças, roupas, talheres, etc. Alugou-se a casa, espaçosa, bem arejada. O senhorio fez várias facilidades. Com o dinheiro do Brasil compraram-se as mobílias precisas, instalou-se um telefone, uma casa de banho conveniente. Em várias reuniões em que tomavam parte algumas universitárias, com a presença da Senhora Condessa de Nova Gôa, sua filha D. Maria Francisca e do Dr. Silva Teles, assentaram-se as bases desta instituição, para o que muito contribuiram os conselhos do Padre Cordeiro, que de perto conheceu casas semelhantes no estrangeiro.



Recebendo visitas na saleta

Escolheu-se para regente uma das universitárias — a doutora D. Maria José Serrão. São as próprias universitárias quem governa a casa, um mês cada uma. E tão boas donas de casa se teem mostrado que as despezas mensais são de trezentos mil réis por pessoa, incluindo alimentação, lavagem de roupa, equitação, etc., despeza esta paga pelas raparigas. A renda da casa, por ora, fica a cargo da directoria. Pode-se fazer ideia de quanto lucram as universitárias, fazendo a comparação com a vida de pensões e quartos alugados, onde, a pesar da especulação verdadeiramente exorbitante de que, em geral, são vítimas, a comida é má, o asseio pouco e o carinho nenhum.

Para entrar para o L. U. F. é preciso satisfazer apenas estas condições: — primeiramente, ser aluna da Universidade ou Escola Normal Superior. Depois, não ter família em Lisboa e, por fim, sujeitar-se ao compromisso seguinte: — orientar a sua vida pela moral católica; assistir ao círculo de estudos apologéticos dirigido pelo Sr. Dr. Cordeiro; velar pelo bom nome da casa; não saír de noite sem necessidade urgente e — cláusula de que resulta a harmonia e o bem estar de tôdas as unviersitárias que vivem no *Lar—colaborar com a regente, como se fôra uma irmã mais velha, para a união e espírito de família que devem reinar na casa.*



Casa de jantar

É uma obra perfeitamente independente. Não está filiada em associação alguma. Nela são admitidas tôdas as universitárias que satisfaçam as condições já mencionadas, qualquer que seja o seu credo religioso, embora o espírito da casa seja católico.

O único defeito do *Lar* é comportar apenas nove raparigas. Dizem-me que no próximo ano lectivo há quatro vagas, mas, quantas e quantas teem deixado de ser admitidas por falta de lugar! Para isso era absolutamente necessário ter uma casa própria. De maneira alguma, em andares alugados, se pode dar tôda a expansão necessária a uma obra desta natureza. É ainda o que falta para que o projecto do Sr. Dr. Valério Cordeiro se realize completamente. É talvez muito, bem sei. Mas, muito mais é, certamente, a montagem e o bom funcionamento duma instituição destas. Estou certa de que, quando se tornar melhor conhecida, não lhe faltará o auxílio daqueles que, dotados de meios de fortuna, queiram seguir os exemplos de tantas outras pessoas que contribuiram para a sua instalação.

Inteligentemente organizado e orientado desde o princípio, o *Lar Universitário Feminino* não pode deixar de progredir. É êste o destino de tôdas as obras verdadeiramente necessárias, úteis e boas.

VIRGINIA DE CASTRO FERREIRA DA SILVEIRA

LIVROS E ESCRITORES

O teatro histórico, hoje votado ao ostracismo, conta na *Morta*, do sr. Henrique Lopes de Mendonça, um dos seus mais altos padrões. Dessa primorosa peça em cinco actos, tão aplaudida há uns trinta e tantos anos, saiu agora nova estampa, que enceta a reedição definitiva da produção dramática, abundante e tôda valiosa, do eminente escritor. A figura de D. Pedro I, estranho paranóico amoroso, projecta-se, em tôda a singularidade do seu carácter, tão rico de contrastes, nestas scenas tecidas de versos do mais belo timbre. Esta edição do drama contém um curto mas interessante intróito, em que o sr. Henrique Lopes de Mendonça, apontando como principal fonte do seu trabalho o que a respeito do monarca que amou Inês de Castro até à loucura Fernão Lopes escreveu, declara discordar da crítica adversa que êste cronista, tido como o patriarca dos historiadores portugueses, sofreu há tempos do erudito general sr. Morais Sarmento.

Obra póstuma: *A Sogra do Barba-Azul*. André Brun, comediógrafo e cronista de *verve* scintilante, a quem a morte arrebatou muito antes da idade senil, continua mesmo além da campa, a fazer-nos sorrir mediante o agrupamento em volume dos seus engraçados escritos que ficaram dispersos. Raras obras produzidas pelo humorismo têm vencido os séculos. O arado da Dôr sulca mais fundo, nas almas e na literatura. Mas se a obra de André Brun, como a doutros risonhos companheiros seus, não pode aspirar à eternidade — de ser saboreada ainda por muitas gerações ninguém a poderá privar. *A Sogra do Barba-Azul*, em que os trocadilhos de linguagem e as situações pícaras são a rôdo, será tão apreciada, decerto, como os anteriores livros de Brun.

Se portugueses e brasileiros não constituíssem uma família única, se não fôsse comum, pelo menos até certa data, seu património literário, — teríamos nós, portugueses, basta razão para ciúmes ao verificarmos que da outra banda do Atlântico nos excedem, em amor e afinco, no estudo, não só dos problemas respeitantes à língua que uns e outros falamos ,como também das obras mais representativas do génio nacional. É o que acontece, por exemplo, com os *Lusíadas* e seu autor. Êste tema, maravilhoso e que jámais se exaure, tem obtido lá alguns dos seus exegetas mais lúcidos e devotados, entre os quais muito se distingue o sr. dr. Afrânio Peixoto, que ainda recentemente, com pequenos intervalos, deu a lume três trabalhos novos sôbre o assunto: *Dinamene*, que, mercê duma inédita e engenhosa disposição de certos sonetos do vate, nos pretende denunciar a verdadeira identidade da mulher que mais alto amor lhe mereceu; *Camões e o Brasil*, onde se congregam conferências e estudos diversos sôbre os mais curiosos aspectos da vida do poeta e da sua extraordinária

Os Sete Demónios (contos do Natal) vêm confirmar um dos mais formosos talentos femininos da nossa época: o da Senhora D. Maria Madalena de Martel Patrício. Nas peças literárias que formam êste volume, desde a primeira, que nos evoca a singular figura do Rei D. Sebastião, até à que põe fêcho ao livro e se apresenta cheia de unção religiosa, a contista mostra-se sempre cativada dos temas nobres e sãos, isto adicionado a uma louvável preocupação de vernaculidade na linguagem.

Obra leveirinha, que se leia num ápice, que, em vez de enfadar pelo tamanho, deixe o leitor saudoso do que belo, ainda que pouco, lá encontrou, — é o que os escritores do nosso tempo devem cuidar de ùnicamente trazerem a lume, porque é isso apenas que o apressado público de hoje prefere. Severo Portela, o estilista de tantos livros apreciáveis, no seu romancezinho *A Manhã de S. João*, agora publicado, mostra-se obediente ao ritmo da época. Em uma ligeira mancheia de páginas, de requintado lavor artistico, soube êle sintetisar uma história que nos prende a atenção tanto pelo colorido da prosa como pela curiosidade que oferece o tema.

Para o

CONCURSO LITERÁRIO

aberto pela ILUSTRAÇÃO *entre os nossos*

ROMANCISTAS E NOVELISTAS

mais duas obras se inscreveram agora: Romance Branco, *«da côr da mocidade», de que é autora a sr.ª D. Aurora Jardim Aranha; e* Gente Devota, *do sr. dr. Campos Lima.*

As condições dêste certame, para o qual a nossa revista instituiu dois prémios de 5.000$00 cada um, encontram-se explanadas em alguns dos nossos números anteriores.

A António Ferro, que se meteu a redescobridor do mundo, de tal modo salta de continente para continente, não interessam apenas paisagens e costumes: também as ideas e os factos políticos e sociais lhe prendem a atenção. Mais, registando-os, jámais se esquece de que é lapidário da frase. Daqui resulta um cunho bem particular em suas impressões, que talvez, inconscientemente, falseiem a natureza íntima das pessoas e dos acontecimentos em foco, mas que sem dúvida os tornam mais sedutores. Os três chefes das ditaduras italiana, espanhola e turca, respectivamente, Mussolini, Primo de Rivera e Mustapha Kemal — possível é que não estejam retratados com exactidão nas crónicas e entrevistas que António Ferro enfeixou no seu livro *Viagem à roda das Ditaduras*. Mas o que o leitor ao certo lá encontrará é o estilo tão pessoal do autor, faúlhante de imagens e trocadilhos. O comandante sr. Filomeno da Câmara prefaciou o volume, explanando suas opiniões políticas.

Joaquim Leitão, que do jornalismo subiu à novela, para nela obter um nome tão brilhante como o que obtivera na alta reportagem, experimentou agora a tentação do teatro. A obra do género que escreveu não foi ainda levada à scena, que é a única infalível — quando é — craveira dessa literatura especial. Mas publicada em volume, volume por tal sinal extravasante de arte, com ilustrações de Alice Rey-Colaço, Augusto Pina e Jorge Colaço, tanto quanto da simples leitura duma peça se pode avaliar do seu potencial histriónico, estamos em dizer com também aqui, na literatura teatral, Joaquim Leitão venceu; o assunto, escolhido no ambiente da Grande-Guerra, tem beleza, o diálogo é vivo e natural, as figuras possuem humanidade.

A pena de Guedes de Oliveira é exímia no comentário da vida cotidiana, que, se é trágica, no dizer ensombrado de Maeterlinck, também esparrinha muito de cómico. As suas ligeiras notas publicadas na imprensa portuense, onde mais assíduamente colabora, as suas crónicas vagabundas por outros jornais e revistas, encontram sempre leitores que lhes gabam o gôsto. *Jornal dum Espectador* amealha muitos dêsses escritos dispersos — servindo ao mesmo tempo os que, em obediência a mestre Faguet, estimam a releitura, e outros para quem estas crónicas e notas são ainda desconhecidas. Assuntos de arte e literatura, críticas mordazes ao naturismo, os motivos mais diversos ali coabitam — mas entre êles avultam os respeitantes à vida scénica, à sua gente e aos seus costumes. Sempre ao termo de cada parcela do livro o sorriso tem ensejo de nos assomar aos lábios, tão bem-humorada é a maneira de escrever do autor.

O sr. general Nórton de Matos, que tão saliente acção teve, ainda não vão longe tais dias, na política portuguesa, e que governou, com os mais latos poderes, uma das nossas maiores possessões ultramarinas, deu agora a lume um abundante livro intitulado *A Província de Angola*, precisamente o nosso domínio que durante largo tempo conservou sob seu mando e responsabilidade. Raras vezes uma obra administrativa é tão violentamente atacada por uns e glorificada por outros, como essa foi .Ora, nestas páginas, arredando rancores e lisonjas, o sr. Nórton de Matos pretende estabelecer a verdade sôbre os objectivos e as realizações do alto-comissariado que exerceu.

A obra póstuma dêsse grande obreiro das nossas letras, tão cêdo abatido pela morte, que foi António Sardinha, não tardará a atingir um número de volumes superior ao dos que êle por sua própria mão deu a publico. Messe magnífica, a que êle semeou e ainda hoje e por muito mais tempo ainda brotará do solo do estudo que tão carinhosamente a r o u ! Nova colheita de ensáios saídos da sua f o r t e inteligência, que, com dano da vibratilidade poética que também possuia, investigou e criticou com pertinácia a história nacional, acaba de aparecer: *À sombra dos pórticos*, volume composto de seis trechos e um apêndice, nos quais o extinto publicista continua seu apostolado em favor do tradicionalismo e versa, com saber e independência de critério, vários problemas históricos, sociais e estéticos.

Não se extinguiram ainda os ecos da comemoração do sétimo centenário do *Poverello de Assis*. Em todo o agiológio não existe, na verdade, figura que mais nos enterneça e nos suscite amor. Por isso todos os escritos a propósito do Santo-Poeta que desposou a pobreza são recebidos com especial interêsse, mesmo pelos alheios ao credo religioso. Entre nós, além da novela de Manuel Ribeiro e duma recomendável edição, a primeira aparecida em língua portuguesa, das *Florinhas de S. Francisco e de seus frades*, obra traduzida e anotada pelo sr. P. Aloísio Tomás Gonçalves e que, agrupando apólogos e lendas, constitui a verdadeira biografia do santo, — pouco mais se tem publicado com tal teor. Mas veio agora diminuír essa míngua uma brochura, embelezada por desenhos de António Carneiro, em que o sr. dr. Leonardo Coimbra arquiva uma conferência que, sôbre a personalidade, cheia de poesia e bondade, de S. Francisco de Assis, o conhecido filósofo proferiu há tempos no Porto. Nêste trabalho, jorrante de eloquência e convicção, encerra-se a apologia das virtudes que o santo praticou e que levam á vida perfeita.

Mais um depoimento sôbre o regime político hoje dominante na terra moscovita e que pretende impôr-se ao resto do mundo como o tipo ideal de govêrno: *Crónicas da Rússia dos Soviets*, pelo sr. dr. Herlandér Ribeiro. Aparecem aqui reunidas as impressões d u m viajante que soube ver com inteligência o *caso russo* e, ao transmitir-no-las, procurou joeirá-las de qualquer idea preconcebida, d e qualquer ressaibo de paixão pró ou contra. Na sua escrita desataviada — o melhor escritor não é o complicado, mas sim o que se faz entender bem — surpreendem-se nestas páginas flagrantes quadrinhos do viver actual daquele povo tão castigado pela dor, telas, algumas, cuja visão nos comove, de parçaria com notas de índole económica. Êste livro pode ombrear, pois, com os mais curiosos que entre nós teem aparecido com o mesmo tema.

Augusto Navarro, que já publicara uma novela que não passou despercebida, *A bailarina loura*, renovou agora o seu contacto com o público através doutra novela, intitulada *Uma rapariga moderna*. A sua acção não é muito intensa — isto parece ser defeito orgânico dos nossos romancistas e novelistas — mas nem por isso a leitura da obra se faz com menor interêsse. Valoriza-a, sobretudo, além do brilho da linguagem, a análise demorada, minuciosa, da posição das mulheres na sociedade actual e das causas que influem na sua falência moral. Se o novelista se colocasse menos de permeio entre o leitor e as suas figuras, — êste livro impor-se hia muito mais à consideração da crítica.

obra; e ainda *Camões médico ou Medicina dos «Lusíadas» e do «Parnaso»* que documenta quão vasto era o saber do épico, mesmo em campos especializados, como o da medicina. Estas oferendas, tão amiudadas, do ilustre académico, enriquecem enormemente a bibliografia camoniana e demonstram o seguinte: que a aventurosa existência de Camões e o subido engênho do seu poema e a frescura das suas líricas continuam a ser uma infindável e augusta selva com muitos pontos virginais. Quem ousa aprofundá-la, ainda, de quando em quando, logra sentir a comoção deliciosa dos descobridores: ainda aqui e ali se lhe descortinam perante os olhos inéditas perspectivas, ainda nalguns dos seus recessos de súbito lhe canta aos ouvidos o gorgolêjo duma fonte onde anteriormente ninguém se minou nem matou a sêde.

O sr. dr. Santana Rodrigues, autor do precioso livro de informação *A India Contemporânea*, imprimiu agora, em *separata* do *Arquivo de Medicina Legal*, um pequeno mas valioso estudo, muito documentado pela imagem, sôbre as marcas a tintas córantes que certos indivíduos, sobretudo das classes baixas do povo, introduzem sob a pele, formando extravagantes desenhos, por vezes com especial significado. O assunto tem seus melindres, e o autor defendeu-se dêles redigindo o trabalho em francês, para que o vulgo não lhe transponha as ombreiras. Intitula-se, pois, *Le tatouage, ses dessins et leur interprétation*, e, destinado aos meios médico-legistas, certifica, por explícita que se apresenta a sua matéria, que quem o elaborou conhece bem o assunto, não só nos seus aspectos gerais, como no que respeita própriamente ao nosso país, onde a tatuagem está longe de ser desconhecida.

O QUE SE USA

Procurar na moda em vigor novidades de sensação, é intuito que resulta estéril. Na forma, na linha geral, a moda permanece estacionária, oferecendo apenas, na escolha dos tecidos, na disposição de pormenores mínimos, — à primeira vista, — ligeira diferença dos aspetos que nos apresentou nas últimas estações. Entretanto, vemos nas colecções dêste verão, quando atentamente observadas, pequenas alterações, insignificantes *nadas*, que lhes imprimem uma nota flagrante de modernismo, de actualidade bem definida.

Êsses pequenos nadas, consistem, por exemplo, — na supressão de largos decotes, que só nas salas aparecem, na obrigatória adopção das mangas, e na intromissão de uma franca roda nas saias, embora sem prejuizo da linha esguia e flexível da silhueta. Os vestidos destinados a passeio, visitas, etc., são bastante subidos nas costas rematando mesmo freqüentemente com uma gola voltada ou em forma de *écharpe* estreita que se ata junto ao pescoço, à frente, um pouco ao lado, a formar laço despretencioso. As mangas que, repetimos, são indispensáveis actualmente, a não ser, dissemos já, nas *toilettes* de baile, jantar

ou grande cerimónia, apresentam a maior fantasia. Justas ou largas, — porque a moda hoje tudo admite, desde que seja estético e favoreça a beleza da mulher, — admitem todos os géneros de guarnição a partir da altura do cotovelo para o punho.

As saias são franzidas, pregueadas, armadas em *machos* ou pregas fundas, dispostas em dois ou três folhos sobrepostos ou guarnecidas com séries de estreitos folhinhos plissados, continuando bastante curtas, mas denunciando já, no alongado de recortes dentados, na ponta dum *pan-*

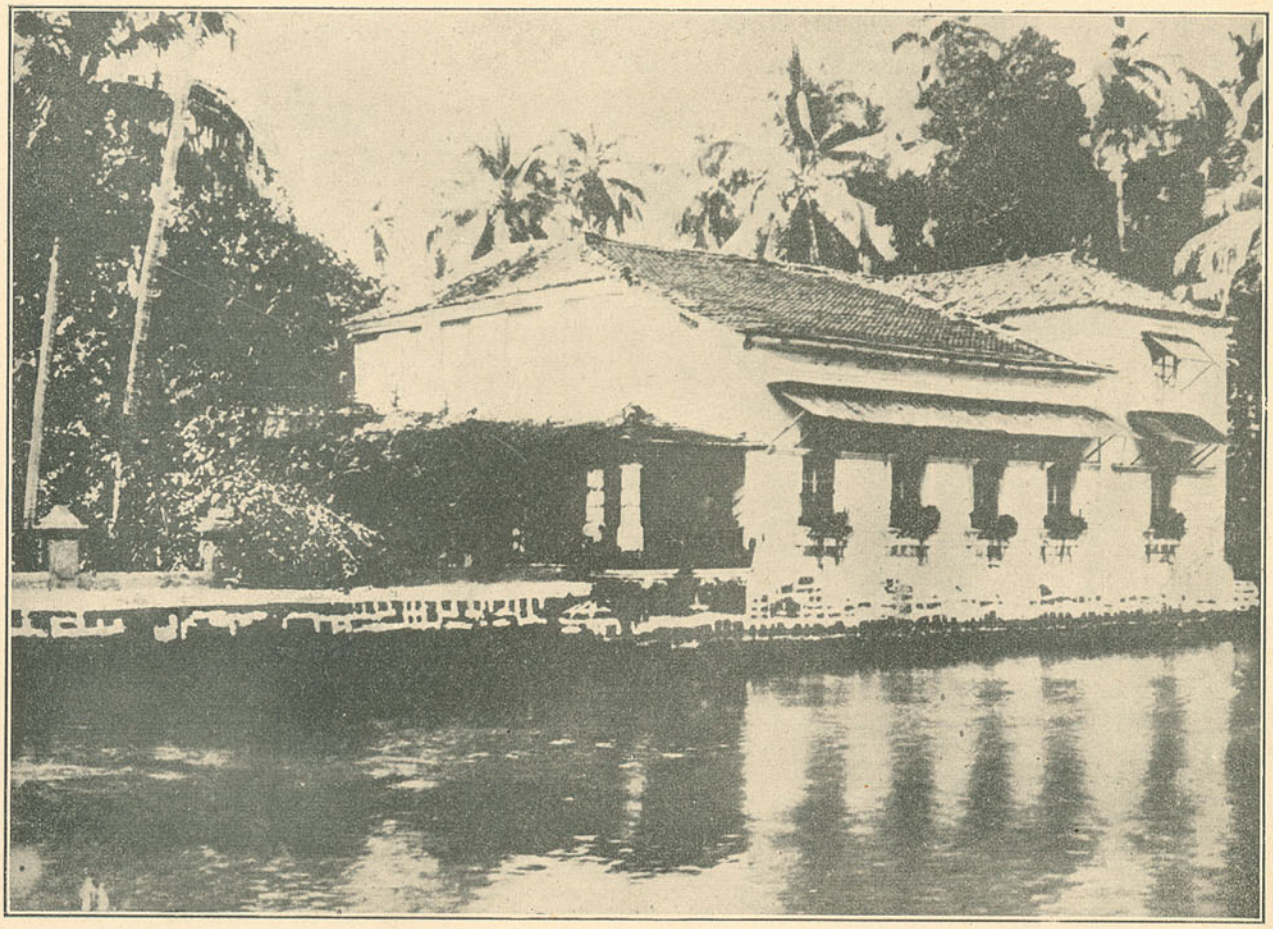
neaeau descaído num dos lados ou na disposição caprichosa duma qualquer *draperie* assssimétrica, que excedem sempre a orla defininida da saia, um intento ainda tímido maias bem desenhado de as fazer descer um pooouco. De resto, essa propensão para o alolongamento das saias, nota-se já bem claraamente nas *toilettes* de grande cerimónia, quue, em grande parte se preferem em estilolo antigo, rodadas, tufadas nas ancas onnde pendem num corpo bem ajustado, à monoda antiga. E nem só nos vestidos de baiaile encontramos as saias descendo até ao tocornozelo. As *toilettes* de casamento — as dasas noivas, é claro, — são também muito manais compridas do que os vestidos de passeiaeio. A gentilíssima *star* Pola Negri, — forora do *ecrain* Apolónia Chatupec, a últinima grande paixão do mais amado dos artististas *fotogénicos*, Rodolfo Valentino, casoou há pouco com o príncipe Serge Mdiwavani e na cerimónia do seu casamento, que coconstituiu um grande acontecimento elegagante, a deliciosa vedeta apresentou um vesvestido de veludo mousseline branco, *Soutté, é*, de diamantes, tão comprido que tocava o o chão mal deixando ver a ponta do gracioioso pé calçado de setim branco.

Mas, por enquanto, as saias alongadas figfiguram apenas nas grandes *toilettes*. As oubutras, embora elegantes, compostas com recrequintes de caprichosa arte, deixam vêr frafrancamente a barriga da perna e... muito cocontentes nos confessaremos se não continunuarem descobrindo com tanta semcerimóniania os joelhos ou ainda para cima da orla daxdas meias, como tão freqüentemente tem sucsucedido nos últimos tempos...

É que já estamos cançadas de vêr pernanas tão ousadamente descobertas, e como tuctudo quanto é fácil enfada, compreende-se quque vá sendo tempo de introduzir na *toiletlette* feminina um pouco mais de recato... umuma pequenina nota de mistério...

PORTUGAL D'ALEM MAR

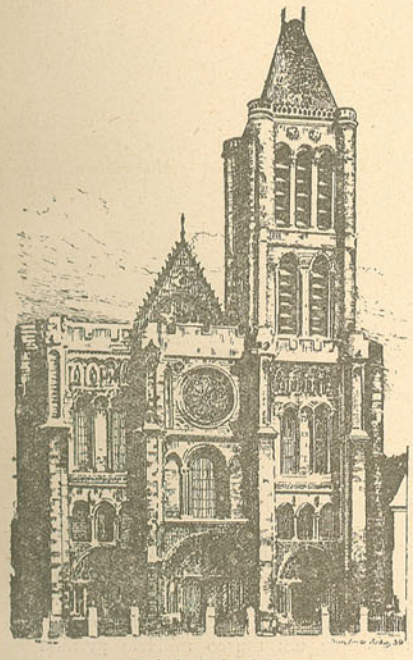
ÁFRICA OCIDENTAL — Vista da cidade de Loanda tirada da Fortaleza de S. Miguel



ÍNDIA PORTUGUESA — Um aspecto do pitoresco palacete do sr. P. J. Gomes, onde se teem ultimamente hospedado muitas autoridades superiores da Índia

A ABADIA DE S. DENIS

S. Denis está deserto. Baixam ali as aves migratórias. Cresce erva nos altares despedaçados — assim exclamava Chateaubriand com aquela ênfase e exagêro românticos, perante os quais o mundo se embasbacava. Em verdade da sumptuosa abadia, considerada como «hospedaria dos papas» tantos pontifices ali buscaram asilo, pouco mais resta que a catedral. Os antigos aposentos reais e o claustro foram adaptados a internato de meninas, filhas dos oficiais superiores, membros da Legião de Honra, uma espécie de Odivelas, em que só falta a cela da madre Paula, pois que a comunidade era de freiras de S. Bento. E na catedral, tida como me-



Fachada da Catedral

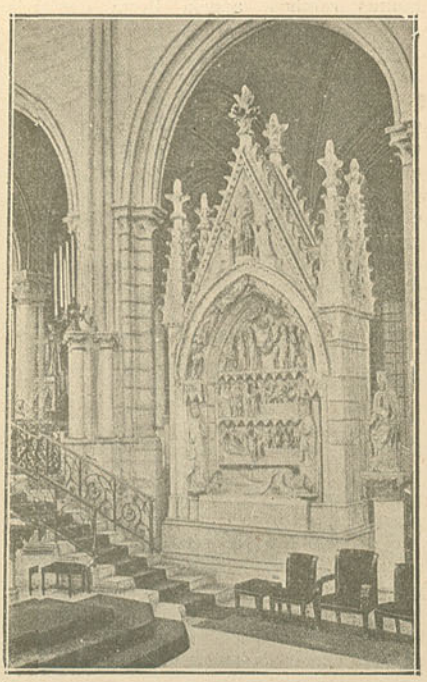
tropolitana das igrejas de França, primogénita da de Reims, se a erva não cresce de cima das aras partidas, as cem e uma sepulturas de outros tantos reis e rainhas que, no transcurso de mil anos, reinaram em França, estão vazias, e não são mais que espécies de museu. Bandos de miss esgrouviadas passam por entre elas, dobrando um breve instante a cabeça, atrás dum guarda que, em voz matraqueada, repete a lenga-lenga:

— *Voilá, mesdames et messieurs, le tombeau de Louis XII, mort en 1515, et d'Anne de Bretagne, sou épouse, morte en 1514. En haut, les statues du roi et de la reine «en attitude de prier», en bas, «en attitude de mort». Remarquez dans les arcades les douze apôtres, traités avec une admirable varieté; aux quatre coins, les vertus cardinales assises: la Justice (l'épée a disparu) la Force tenant une colonne entre ses bras, la Témperance et la Prudence dont le miroir a aussi disparu. Maintenant, mesdames et messieurs...*

E de todos aqueles túmulos, finamente lavrados, das estátuas jacentes, que representam o defunto adormecido, mas com os olhos abertos, significando a esperança de que gozem da luz perpétua, voltados a Oriente, pois que um dia novo sol se erguerá sôbre as cinzas confiadas à terra, não dimana o sentimento que se está folheando a história de França, nem se exala um sôpro melancólico de morte. Tudo aquilo revestiu um aspecto objectivo, baedecker, e nem a luz coada pelos vitrais, acariciando e envolvendo os mármores, com a sua penumbra veludosa, nem a unção mística do gótico, conseguem arrastar o espírito para lá da simples curiosidade. Encerra mais mistério a rude «terra santa», da aldeia; e se é inútil procurar ali a noção do nada humano, a própria frialdade da pedra parece arrefecer nossos olhos para lhe sentir a magnificência e beleza. O terrível prosaismo de hoje, a obra de série, o convencional de tudo aquilo seca nossas almas para a emoção e é com indiferença que se passa diante da coluna de Francisco II, obra de Primatício, com os três génios, de Germano Pilou, no entablamento, em cujo cimo um vaso de prata guardava o coração do rei; diante da rainha Berta, dos pés grandes, mãe de Carlos Magno, deitada ao lado de Pepino o Breve; de Ermentruda, primeira mulher do imperador Carlos o Calvo, que ali elegeu campa e doou à abadia, entre outros objectos raros, um prego do santo lenho, um espinho da Corôa do Senhor, e a lanterna de Judas, em cristal de rocha; de tantos príncipes merovingios de longa cabeleira; de Fredegonda, filha de Chilperico, desenhada sôbre a estela a mosaico de mármore e fio de cobre. Lá está a auriflama, que, segundo a legenda, um anjo trouxera do Céu para o baptismo de Clovis I, atrás da qual os franceses se lançavam à batalha, gritando: *montjoie-Saint-Denys*. É vermelha, estrelada de rosas, esquartelada pela cruz branca dos cruzados, com o crisma de Constantino a servir-lhe de timbre. Mas ninguem dirá, já ninguem diz que aquele estôfo de sêda é o mesmo que pairou sôbre a vitória de Bouvines! Aos emblemas antigos, o cardeal Amette acrescentou a imagem do Sagrado Coração de Jesus, e parece novo, em fôlha, um estandarte das Filhas de Maria.

No côro pequeno, chamado *confession de Saint-Denis*, em que um altar gisado por Violet-Leduc veio substituir a mesa de mármore preto, cravejada de pedras preciosas, sôbre que estadeavam os três célebres relicários de Santo Eloi, há uma outra atmosfera, sente-se, pela primeira vez, uma dolente atmosfera do passado. Ali descansava, a partir do século XVII, o ataúde real quarenta dias, antes de ser inumado na cripta; ali, quarenta dias e quarenta noites, sem interrupção, lhe rezavam as diferentes ordens o ofício de corpo presente. A pompa com que era conduzido até à abadia rivalizava com a da sagração em Reims. O cortêjo fazia o trajecto de Paris a Saint Denis, de noite, à luz dos archotes, e nele formavam, precedidos pelos arautos de tôdas as honras de França e vinte e quatro porteiros da capital, trajados de roxo ou preto, as ordens monásticas, confrarias, fidalgos da casa rial, grandes do reino, príncipes de sangue, parlamento com suas togas vermelhas, o Chatelet, etc. O féretro vinha a braços dos *hannouars* ou *briseurs de sel*, tão envoltos pela tapeçaria negra que escorria do caixão por cima dêles que se lhes não via os pés. Atrás marchava a cavalo o arcebispo de Paris; ladeando o cortêjo, a guarda suiça e francesa.

Saía a receber o rial defunto o prior dos beneditinos com tôda a comunidade, revestida de alba e casula de veludo preto. E aos acentos do *Libera-me* era depositado no côro pequeno, em celário ordenado de véspera. Ao cabo de quarenta dias de câmara ardente, era finalmente descido ao carneiro, com um cerimonial todo idade-média. Ao chegarem à porta de bronze, de três chaves, depois da pásada de terra simbólica, uma voz lúgubre saía de dentro. Era um rei de armas que chamava os arautos, um por um. E, um por um, os arautos vinham, despiam as cotas de armas, traziam os esporins, os guantes, o escudo e o elmo do monarca. Depois eram os camaristas que vinham depôr as insígnias riais e os dignitários que quebravam a vara de sua dignidade. Finalmente a voz lúgubre do arauto tornava a repercutir no carneiro por três vezes: *le roi est mort!* E ao cabo duma grande pausa, dizia: *priez Dieu pour l'ame de ly*. Inclinavam-se tôdas as bandeiras, menos o estandarte de França, para mostrar que a França, essa, não morre.



Túmulo do rei Dagoberto

Estátua de Luís XVI. Cripta

Mas, subitamente, saía o rei de armas do jazigo bradando alacremente: *Vive le roi!* Cem arautos repetiam: *vive le roi!* e as bandeiras erguiam-se e as fanfarras despediam uma ária triunfal.

O defunto era depositado à porta do sarcófago, da parte de dentro, como de guarda à necrópole; e só à chegada de outra, a tumba era levada para o seu lugar definitivo, sôbre cachorros de bronze.

Mas outras cerimónias, menos fúnebres, tinham lugar na abadia. Se em Reims eram sagrados os reis, ali foram coroadas muitas rainhas, aquela Berta dos pés grandes, Isabel do Hainaut, Leonor de Áustria e a sumptuosa Maria de Médicis. Ajoelhada perante o altar-mor, depois da vigília ritual, a rainha recebia, à altura do ofertório na missa rezada pelo dom prior, os santos óleos e a comunhão. Os três maiores do reino entregavam-lhe, em seguida, o sceptro, a vara da justiça, o anel e o diadema. E logo se erguiam três damas da côrte, cada uma com a oferenda simbólica, que depunham nas mãos da dama de honor: dois pães, um prateado, outro dourado; dois pichéis de vinho, revestido um de fôlhas de oiro, outro de folhas de prata; um círio branco com treze besantes de oiro.

Tocavam os sinos, o grito jubiloso de *noël, noël,* corria pelas naves: estava realizado o casamento. A rainha passava a noite nupcial na abadia com o augusto esposo, para entrar no dia seguinte, com grande aparato, na *boa cidade de Paris.*

Do século XIII ao século XVIII, a basílica de S. Denis aparece associada aos grandes acontecimentos da história de França. Ali vinham os reis erguer a auriflama, antes de partirem em guerra. Joana de Arc, depois da malograda investida de Carlos VII contra Paris, ali depôs as armas em ex-voto: *pour cela qu'à Saint Denys ait le vrai cry de France!* No seu altar mor, abjurou Henrique IV o protestantismo, e assistiu ao coroamento de Maria de Médicis, um dia antes de morrer. E foi do seu púlpito rendado que Bossuet pronunciou, em presença de Luís XIV, a oração fúnebre de Henriqueta de Inglaterra.

Em Julho de 1793, mediante proposta de Barrère, a Convenção ordenou que uma junta procedesse na igreja de S. Denis ao arresto dos bens e classificação das obras de arte. Lenoir tomou a direcção dos trabalhos e dentro em pouco eram esvasiadas cincoenta e uma sepulturas riais nas naves do templo e cincoenta e sete no carneiro da cripta. Os despojos mortais eram lançados em duas valas, abertas no cemitério dos Valois, Capetos a uma banda, Bourbons a outra. O tesouro — de que faziam parte verdadeiras preciosidades e objectos raros como o fragmento dum cântaro em alabastro em que Jesus Cristo operara a conversão da água em vinho nas bodas de Caná, a famosa espada *joyense* de Carlos Magno, o alifante de marfim que pertencera a Roldão — foi disperso pelos museus nacionais e os relicários de prata e oiro fundidos na Casa da Moeda. A igreja passou a ser, sucessivamente, templo da Razão; teatro de saltimbancos; armazem de víveres. Montjoie-Saint-Denis também fôra crismada em Denis-Franciade.

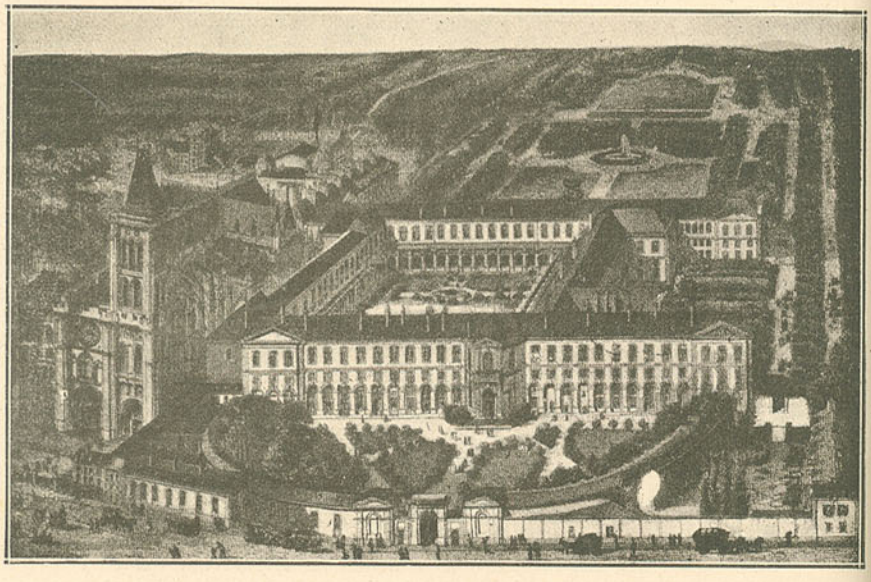
Mas veio o Império e Napoleão, mais faustoso que Luís XIV, ambicionou ter jazigo, digno de si e dos seus. S. Denis, pela tradição rial, era o lugar necessário. E à sua ordem, arquitectos encetaram a restauração do santuário, cujo tecto em chumbo fôra derretido para balas de artilharia. Ao mesmo tempo, por baixo do triforium, foi cavado o sarcófago, que devia ficar desocupado com o advento dos Bourbons. Luís XVIII continuou, porém, a obra de restauro, fazendo, ainda, exumar da vala do cemitério as cinzas dos antigos reis e encerrá-las em dois ossuários no *caveau de Turenne,* desde o rei Dagoberto a Maria Leczinska. Para o *caveau* rial foram ainda transportados os despojos presumíveis de Luís XVI e de Maria Antonieta, mercê das indicações dum tal Desclozeau, que fizera aquisição do terreno onde os corpos riais consta terem sido sepultados.

Estátua de Maria Antonieta. Cripta

Aqui está: reconstituida por Violet-Leduc, a velha catedral já não tem prêsa sôbre as almas; os túmulos vazios pouco falam à imaginação; os sarcófagos cheios são como todos os mais *podrideros.* Uns decénios, e o panteão glorioso não será mais que um marco miliário perdido na História de França.

Paris.

AQUILINO RIBEIRO



A abadia e antigos aposentos riais

Cinematografia

Os dois grandes monumentos da cinematografia francesa na época que decorre são as epopeias *Napoleão,* de Abel Gance, e *O jogador de xadrez,* de Raymond Ber-

A linda dançarina Wanda

nard, segundo o romance de Dupuy Mazuel. Ambos os filmes foram apresentados, excepcionalmente, no Teatro da Grande Ópera de Paris, e se a obra formidável de Gance tem seus partidários acérrimos também tem críticos acerbos e rigorosos. A obra de Raymond Bernard, o realizador de *O Milagre dos Lobos,* foi acolhida com mais serenidade e julgada quási unanimemente, como a perfeição absoluta. Como o romance de que êste filme é extraído se acha incluido no concurso do nosso irmão mais novo *Magazine Bertrand* e vai ser um dos romances publicados naquela revista, achamos curioso desvendar parte do sugestivo argumento do filme que segue, a par e passo, o romance de que foi extraído, a partir da segunda parte do mesmo. Por êste resumo farão os nossos leitores ideia do emocionante e intenso entrecho da novela já famosa e do filme de que foram intérpretes geniais o grande Charles Dullin, Edith Jehane, Pierre Blanchar, Camille Bert, Jacky Monnier, Pierre Batcheff, Armand Bernard e a nossa conhecida bailarina Alexianne.

*
* *

O outono de 1775 foi decisivo para a sorte da Polónia e dos dois heróicos defensores da sua independência: Boleslas Vorowski, de antiga família rial, e Natacha Vorowska, cuja graciosa efígie ornava os estandartes daqueles que, em Vilna, esperavam o sinal da revolta contra a autocracia de Catarina II, da Rússia. Boleslas passara a sua infância junto de Natacha, sob a tutela do enigmático Siegfried Wolfgang, barão de Kempelen que, ao serviço duma fantasia nunca satisfeita, colocava os fantásticos recursos da mecânica. Através as janelas da casa do barão, diante das quais se benziam quantos passavam, podiam divisar-se movimentos fantásticos de fantásticas sombras que, na realidade, eram sombras de extraordinários autómatos andróides, construidos pelo célebre mistificador.

Ora aconteceu que, no decorrer duma festa dada em honra do décimo sexto aniversário de Natacha, Boleslas, que amava a sua doce companheira de infância, foi testemunha do amor nascente entre ela e o príncipe Miguel Oblonsky, precisamente o chefe das fôrças russas encarregadas de subjugar as veleidades de independência dos polacos. E no entanto, a pesar dos ressentimentos que existem entre as suas pátrias, Boleslas e Miguel estimam-se como Orestes e Pylades. A paixão de Natacha coloca-se entre o seu amor e o seu dever de patriota.

Vorowski, no Círculo Militar da cidade, ganha duas vezes seguidas ao xadrez e por um lanço semelhante, ao major Nicolaieff. À terceira partida, o major sofre um cheque pela mesma jogada. Vão recomeçar quando se ouvem gritos de socorro. Numa sala, ao lado, alguns oficiais russos ébrios, estão molestando uma rapariga indefeza: Wanda, dançarina do *ballet* da Imperatriz. Vorowski defende-a batendo-se com os russos, num combate que se generaliza a todo o Círculo Militar e alastra depois pelas ruas, desencadeando a revolta e as hostilidades entre russos e polacos. Boleslas é levado ao alto posto de chefe do partido libertário e o seu heroismo traz de novo Natacha ao caminho do dever patriótico. Boleslas, defendendo heroicamente Vilna, é ferido gravemente e os russos vencem. Oblonski tenta levar Natacha para São Petersburgo, onde estará em segurança, mas a jovem polaca, ardendo em abnegação, prefere ficar junto de Boleslas, cuja cabeça foi posta a prémio por Catarina II.

O barão de Kempelen imagina então um genial estratagema para salvar os dois jóvens Boleslas e Natacha. Mais uma vez os seus maravilhosos autómatos vão permitir-lhe burlar o destino concorrendo poderosamente para o triunfo da causa do direito. O seu amor pelos dois entes que tinham sido confiados outrora aos seus cuidados em condições misteriosas, fazia-o conceber alguma coisa de prodigioso. O quê?... Eis o que não queremos desvendar para não roubar interêsse ao fantástico e

Catarina da Rússia jogando uma partida de xadrez conom o autómato do barão de Kempelen...

Natacha Worowska, a virgem polaca, heroina da independência...

empolgantíssimo romance de Henri Dupuy-Mazuel, quando êle tiver a sua primeira edição em língua portuguesa nas colunas do *Magazine Bertrand*.

*
* *

A realização de *O jogador de xadrez* foi qualquer coisa de extraordinário. Os capitais colocados nesta artística emprêsa foram simplesmente fabulosos. Entre artistas, técnicos e figurantes, participaram dêste filme mais de oito mil pessoas. Nos *studios* de Joinville reconstituiram-se o palácio de inverno em São Petersburgo, algumas ruas dessa grande cidade tal como eram no século dezoito, os salões maravilhosos de Catarina, a Grande, o palácio dos Poniatowsky, em Varsovia, a fantástica residência do barão de Kempelen, onde êste construia os seus misteriosos autómatos, ruas inteiras de Vilna, isbas russas, uma praça forte reproduzindo as fortificações de Vilna, baluarte da independência polaca, etc. Os exteriores foram executados na floresta de Fontainebleau, nos gêlos de Saint Moritz e na própria Polónia, onde se reconstituiram as batalhas da época sob os auspícios do govêrno polaco que mobilisou a guarnição de Ostrolenka, pondo sob o comando de Raymond Bernard, o grande realizador, alguns milhares de hulanos, cavaleiros maravilhosos, que figuraram, devidamente equipados e fardados, os cossacos terríveis do major Nicolaieff.

É êste filme uma intensa obra prima cheia de mistério e imprevisto, reprodução de outra obra prima, o romance já célebre de H. Dupuy-Mazuel.

*
* *

Josefina Baker, a estrêla negra que domina o Paris que se diverte, vai ser a estrêla dum filme que, pelo visto, deve ser assás curioso e surpreendente. O argumento é de Maurice Detkobra e isso basta para lhe augurar uma originalidade tôda pitoresco e malícia. Serão realizadores dêste filme Mário Nalpas e H. Etievant.

*
* *

Os grandes enscenadores americanos anunciam assim as suas novas produções:

D. W. Griffith vai realizar *Romantic Studies of Humanity*.

Fred Niblo prepara *Laugh, Clown, Laugh*.

Morris Gest vai filmar *Darling of the gods*.

Gloria Swanson dirigirá um filme que se chamará *The Battalion of the Death*.

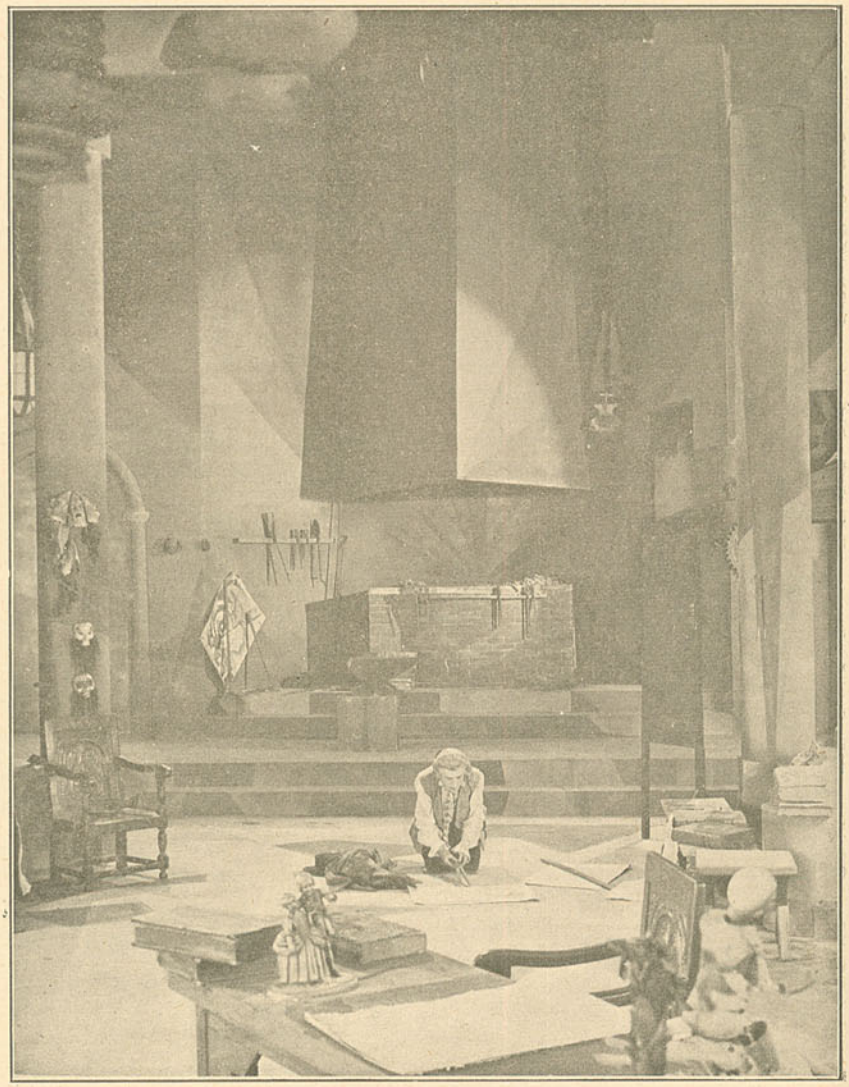
São tudo filmes de produção United Artistas. Para esta firma também o director alemão Lupu Pick dirigirá dois filmes e John Barrymore interpretará um filme histórico *O máscara vermelha*.

Eric Stroheim, o genial cineasta de *Greed* e *Merry Vidower* assinou novamente contracto com a Universal, que tem um monopólio de grandes artistas, como Ivan Mosjoukine, Lya de Putti, Laura La Plante, Conrad Veidt, Reginald Denny, Paulette Duval, Hoot Gibson e os directores Dupont, Sloman, Clarence Brown, Eric Pommer, etc. Também Lon Chaney volta às hostes de Carl Laemmle, sendo-lhe destinado um grande papel no filme *Terror*.

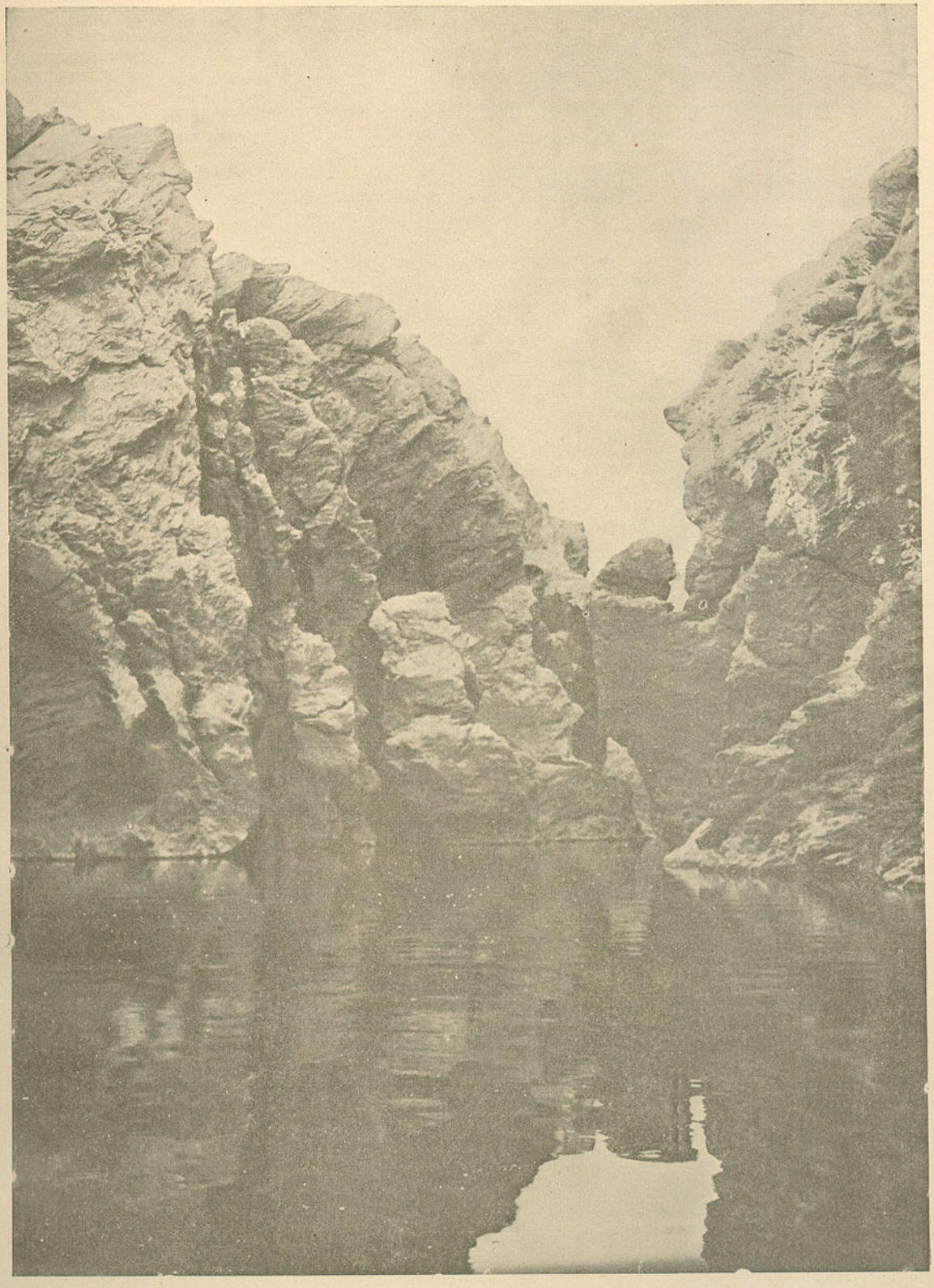
Conrad Veidt será *O homem que ri*, de Vítor Hugo. A grande marca Universal acaba de lançar o mais pequeno actor do mundo, Snooky, que tem apenas... vinte e dois meses de idade e se revela um fenómeno dos dez filmes de 2 actos que interpretou.

*
* *

O romance de Paul d'Ivoi, *Jalma la double* está a ser transportado ao *écran* por Roger Goupilliéres. As principais scenas são realizadas em Constantinopla e nelas se vêem, nos papéis de Mourad V e Jalma, o trágico turco Burhaneddim e a nova estrêla grega Groza Wesco, que habitou Portugal antes de se dedicar ao cinema.



O fantástico laboratório onde o estranho barão de Kempelen construia os seus autómatos andróides.



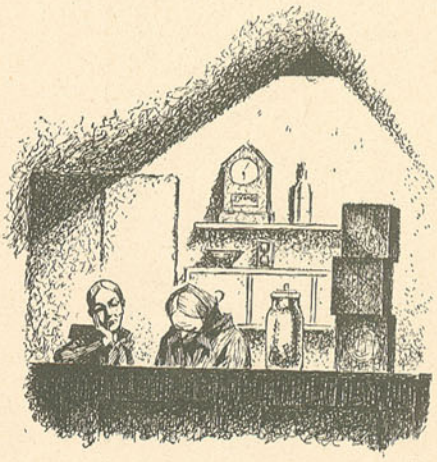
PORTUGAL PITORESCO

A nossa gravura representa um dos mais fantásticos aspectos do rio Guadiana, a montante da vila de Mértola, nas proximidades do pulo do lôbo, *sítio assim designado por que nêle, tanto se aproximam as cumiadas das falésias, que se pode saltar de um lado para o outro. Mas desgraçado do que errar o salto! O precipício tem mais de 30 metros de altura. Lá no fundo ferve o rio em cachoeiras tremendas sob uma abóbada de granito em cujas paredes se exibem os mais extravagantes e diabólicos relêvos.*

O SERÃO DOS CATURRAS

Às nove da noite, um agora, outro logo, veem chegando os frequentadores daquele club singular...

É num cubículo sem ar, todo esmagado pela imponência decrépita dum primeiro andar nobre, de fachada antiga, erguido



num recanto obscuro e húmido de certa rua importante de cidade provinciana.

Veem chegando, com o seu pigarro, o seu arrastar de pés, sentam-se em escabêlos, formando roda, poisam o queixo sôbre as mãos apoiadas aos cajados nodosos, e põem-se a palrar...

Ao fundo da casa está um relógio amarelido, cuja pêndula há anos se recusa a andar. Os ponteiros marcam sempre o mesmo instante, como se o tempo ali dentro não tivesse transcorrido desde a data afastada em que o dono da loja se finou, e a sua imobilidade, e o seu antiquismo, parece resumir o ambiente de penumbras coalhadas, transudante de amarga solidão, que alastra em roda.

Essa loja, que nunca vi alguem transpor para comprar o quer que fôsse, exibe nas estantes as coisas mais dispares: loções baratas e botões de punhos, carros de linhas e livros escolares, contas de rezar e peugos de lã, pentes de osso e frascos de rebuçados...

E caindo longamente sôbre as coisas e os muros, uma poeira fina deu a tudo um tom grisalho que impressiona, e disseminou por tôda a casa um cheiro desagradável a livro velho.

Em cima do balcão escuro há um frasco com *drops*, e três caixas vazias de bolachas. Do tecto pende uma lâmpada que ilumina mal, espalhando na loja uma claridade de cripta. E, na penumbra, por detrás do balcão, uma velha triste e uma mulher sem idade, mãe e filha, parecem consumir-se de saüdades.

Fazem ambas vida nesse cubículo que, mais do que do marido e do pai, herdaram do passado... Cozinham e dormem do lado de lá dum tabique de madeira, num horrível cacifro besuntado de oca, e, por vezes, é detestável, no estabelecimento, o cheirum a refogado e a sardinhas assadas.

Do que vivem? Eu sei lá! Talvez da pensão que teria deixado à mulher sem idade, que se mumificou aos vinte anos, o marido! Era sargento reformado, e a morte levou-o...

Esta mulher é um junco magrito, de cabelos lambidos e olhos de vidro azul, muito míopes, sempre vestida de preto como a mãe, desolada sempre, como ela, na sua viuvez.

Pois às nove horas da noite, um agora, outro logo, os velhos frequentadores dêsse centro de cavaco, cuja convivência foi igualmente uma herança do comerciante falecido, vão chegando, e desatam a chalrar, coisas tristes, umas vezes, e outras vezes lembrando sonhos mortos mas que ainda vertem luz, aventuras fanadas, mulheres que foram novas, — as coisas lindas e fúteis da sua mocidade...

Êste, obeso, com um côco quási verde, ageita uma pala preta que usa a tapar-lhe um ôlho; aquele, está anquilosado, magro, sulcado pelas veias, a tremer de velhice; um, assôa-se ao lenço grande, de ramagens, com a impertinência do seu catarro crónico; outro, aconchega o *cachenez*, porque receia a recaída da bronquite; aquele outro, chupa melancólicamente o requeimado cachimbo, seguindo, em ar de scisma, as espirais do fumo; e ainda outro, caturramente, antigo galopim eleitoral, de nome célebre nas tranquibérnias das urnas, desfia uma infindável catilinária contra as últimas medidas dos governos...

— No meu tempo... No meu tempo...

— Ah, sim! No nosso tempo...

Nove e meia. Dez horas. O conciliábulo está no auge. Por detrás do balcão, sob a amarelidão sepulcral da lâmpada eléctrica, adormecem as duas viúvas, mãe e filha. A conversa sôa, tropeçante, mas parece que das estantes, do tecto, de todos os recantos misteriosos, começa a avivar-se mais a poalha do silêncio, dando a impressão de gêlo chuvinhante, arrefecendo o ar.

De repente, um dos cavaqueadores sai do marasmo para dizer que o tempo vai mudar, porque o seu reumatismo já dá sinal de si.

— Não há barómetro igual! Esta dôr que sinto na perna, nunca me enganou!

Não lhe responde o corcovadinho, de barbicha branca, a quem se dirigiu, pois adormeceu como as mulheres, e ressona de bôca aberta.

Entretanto, o galopim, incansável, para os que ainda o escutam, perdidos de sono, como as crianças, lá vai gorgolejando anedotas de esquecidos estadistas que o túmulo de há muito consumiu, larachas, boas frases parlamentares, e algumas consagrações...

Na rua, passa gente apressada. Automóveis businam. A luz eléctrica refulge nas montras chics e nos arcos voltaicos. A vida moderna começa a pungir na vetusta cidade provinciana.

Mas êles, alheios a todo o progresso, metidos dentro de si mesmos, não ocultam um sorriso amargo de descrença diante de cada inovação, e continuam a desfazer, com sua voz trôpega de inválidos, nos projectos mais queridos do Município, alegrando-se em ridicularizar os costumes novos, não se cansando, sobretudo, de dizer pilhérias contundentes acêrca do cabelo cortado das mulheres...

— No nosso tempo...

— Isso! Isso! No nosso tempo...

Sôam as onze horas no relógio da tôrre, advertindo-os, com um som lamentoso que vem do século XIX de que é tempo de recolher.

À uma, os velhinhos caturras levantam-se de seus escabêlos, dizem adeus às mulheres extremunhadas, e, abafando-se cuidadosamente, saem, parolando uns para os outros:

— Boa noite, compadre! Até àmanhã!

— Boa noite! Àmanhã, venha mais cedo, pois aqui passa-se um bocado bom!

E logo o bulício hodierno da rua os dissolve como sombras débeis do passado, — e, fechando as suas portas, a lojeca se apaga como um quadro irreal...

JOSÉ DIAS SANCHO

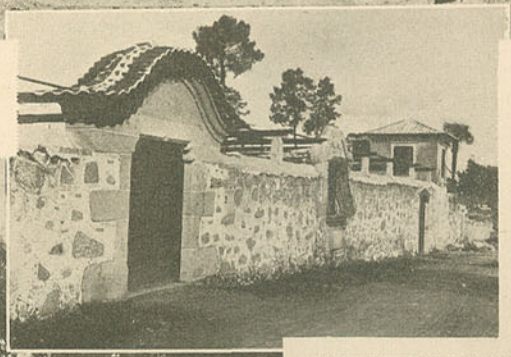
A CASA PORTUGUESA

CASA DO GIESTAL

FAMALICÃO

PROPRIEDADE DO SNR. ERNESTO GARCIA DE CARVALHO

É PITORESCA E ROMÂNTICA ESTA RAPSÓDIA NACIONALISTA. Á VIVACIDADE UM TANTO INQUIETA DA FACHADA OPÕE-SE A CALMA BENÉFICA DA GRANDE ÁRVORE QUE A SOMBREIA. OS BILROS DA VARANDA SÃO A NOTA MAIS ORIGINAL DESTA FRONTARIA ÁVIDA DE SOL; MAS MAIOR ENCANTO ESTÁ NAS GRACIOSAS VOLUTAS DA ESCADA DO JARDIM.



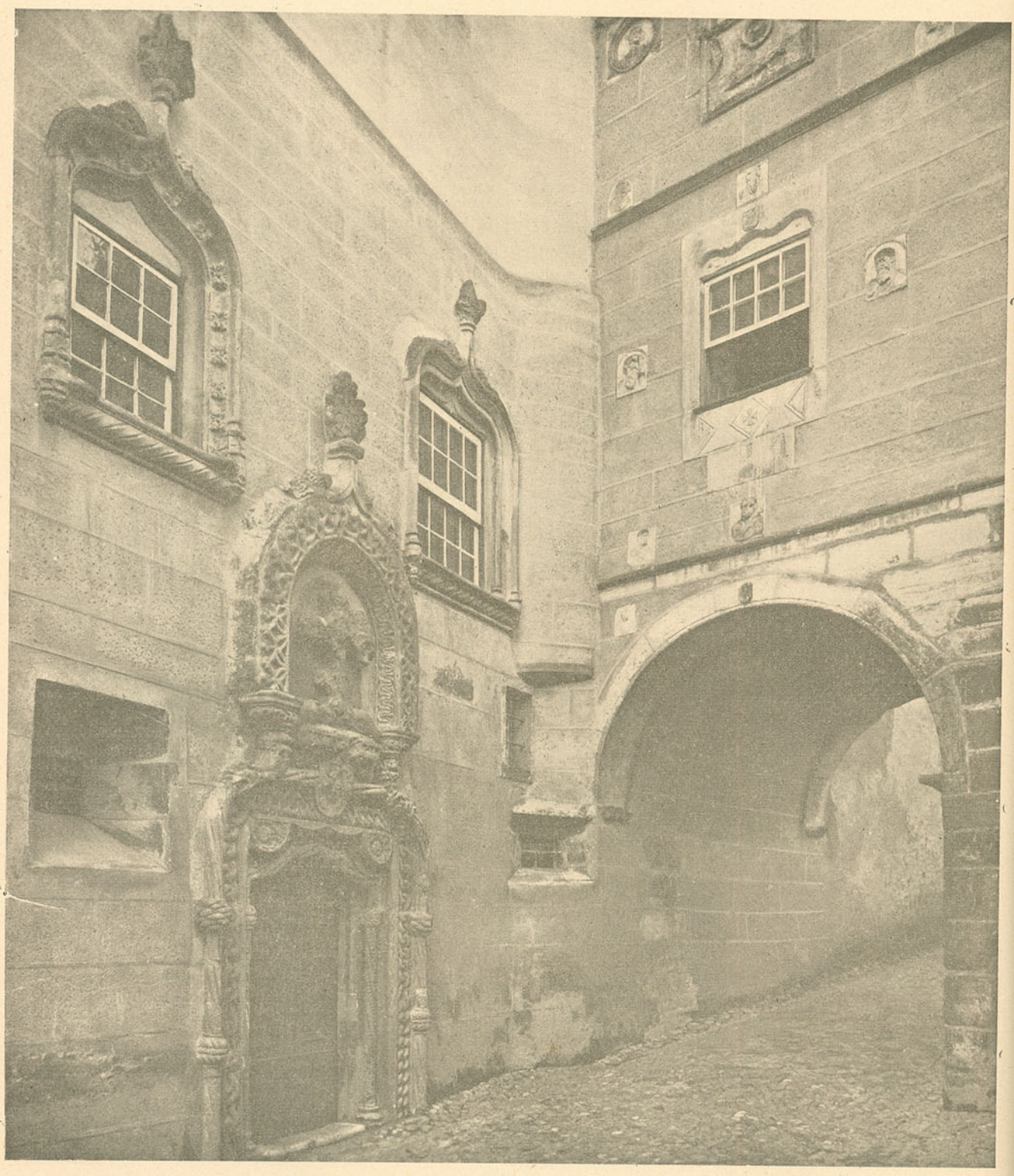
NUM PAINEL DE AZULEJO RESGUARDADO POR SEU BEIRAL? LÊEM-SE OS SEGUINTES VERSOS:

«É sagrada a nossa casa;
Protectora, como asa,
Guarda e cobre o nosso lar;
Dentro dela, com carinho,
O coração tem seu ninho,
Tem o amor o seu altar!»

Sebastião de Carvalho.

(Clichés de E. Soucasame.)

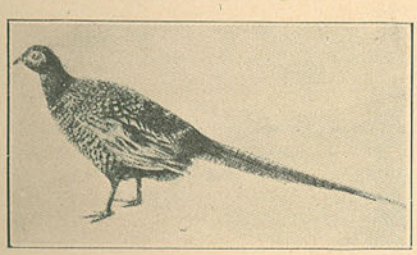
PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



COIMBRA — Portal e janelas do Palácio de Sub-Ripas

A FAMÍLIA DOS FAISÕES

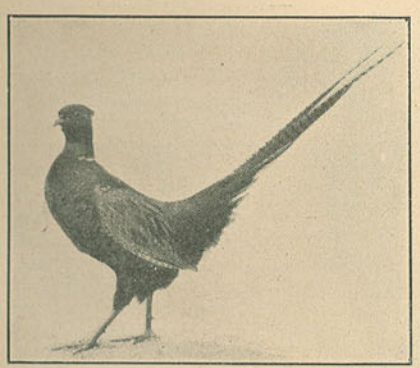
Há duas categorias de Faisões: a dos que vivem nas matas para divertimento dos caçadores e a dos que são criados como aves ornamentais. De uns e de outros se contam várias espécies, sendo a mais antiga na Europa importada da Col-



Faisão comum

chida pelos romanos. É o «Phasianus colchicus», ou Faisão comum, cujo nome deriva do rio Fase, às margens do qual foram buscá-lo os antigos conquistadores do mundo.

Carne saborosa, elegância de formas, graça de atitudes, côres disputando belezas de tom e de brilho às pedras preciosas, tudo se alia para tornar o faisão uma ave notável entre tôdas. O faisão comum, que é o mais modesto, ostenta, ainda assim, na plumagem, grande riqueza de colorido: As penas do pescoço e do dorso são douradas, terminando as barbas das primeiras, bem como as da cabeça, em côr azul ou roxa; o peito é vermelho bri-

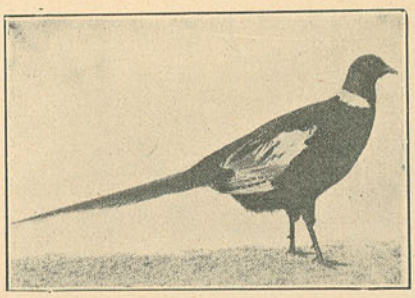


Faisão inglês

lhante; as asas côr de castanho com manchas brancas amareladas; o ventre branco; a cauda muito longa, côr de azeitona com listas negras transversais.

Esta riqueza de colorido pertence aos indivíduos do sexo masculino, porque as fêmeas, ao contrário do que sucede na espécie humana, apresentam-se mais modestamente. Nas outras espécies sucede o mesmo, e em algumas se observou que o macho, ou por prazer próprio, ou para seduzir a fêmea, executa movimentos rápidos e desordenados, como que uma dansa nupcial que constitua prólogo do acto amoroso.

O Faisão de colar, originário da China, distingue-se do precedente por ter um colar branco, brilhante. O mesmo ornamento aparece no Faisão da Mongólia, mais vigoroso e corpulento. Mas o mais interessante entre os faisões que se criam para caça é o Faisão venerado, natural da Mongólia, introduzido por Reeve na Inglaterra em 1838 e por isso chamado também Faisão de Reeve. Tem a cabeça branca, olhos avermelhados com manchas negras em tôrno, bico de amarelo carregado, pescoço dourado com penas negras imbricadas, asas brancas orladas de negro, pe-



Faisão da Mongólia

nas dos flancos marginadas de vermelho com losangos brancos e negros no centro. A cauda, que chega a atingir dois metros, tem penas negras orladas de amarelo carregado.

Esta bela ave, bem como o Faisão «versicolor» em que predomina o verde e o Faisão de Sommering em cuja plumagem se misturam o bronze brilhante, o vermelho e o ouro, não podem, porém, disputar primasias a certos faisões ornamentais.

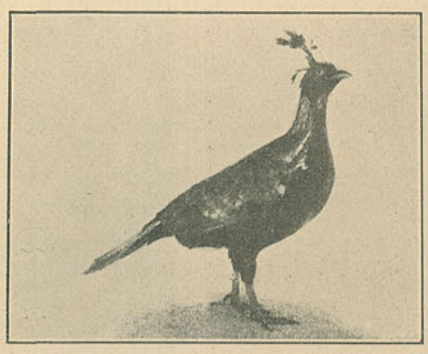
O maior dêles, o «Argus giganteus», de Sumatra, tem a cabeça negra aveludada, o pescoço amarelo com riscas negras, o dorso amarelo claro perolado sôbre fundo escuro, as asas côr de castanho avermelhado listadas de vermelho e de cinzento claro e apresentando manchas como olhos, que, em certos momentos, dão ao animal o aspecto de nos estar observando com todos êsses olhos. Disso lhe proveio o nome de «Argus».

Um outro faisão, originário do Himalaia, é notável não só pela riqueza de coloração, mas ainda por possuir duas carúnculas de tecido erectil cujas dimensões êle

Faisão-pavão da Birmânia

pode estender ou encurtar à vontade e que lhe constituem como que uma máscara azul salpicada de vermelho e de alaranjado. Por seu lado, o Faisão azul da China merece menção porque nesta espécie a plumagem da fêmea é igual à do macho e um e outra teem penas brancas dispostas como se constituissem orelhas. As suas pernas caudais, de côr branca na haste azul e nas barbas, servem desde tempos imemoriais para enfeitar os chapéus dos mandarins.

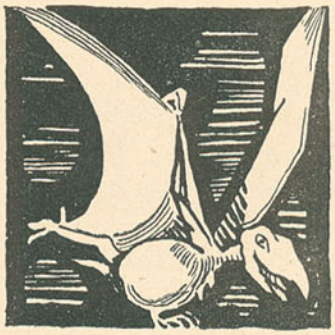
O Faisão resplandescente do Himalaia é do tamanho de um perú e tem um pincel de «aigrettes» douradas na cabeça. O Faisão-pavão da Birmânia é de pequena esta-



Faisão do Himalaia

tura e tem a cauda como a do pavão. Mas os mais sumptuosos são o Faisão prateado, o dourado e o de Armherst, que, por mais conhecidos, dispensam descrição. Aveves de grande beleza parece, por vezes, que se o sabem, pelo modo vaidosamente elegante como passeiam em frente de nós.

F. MIRA



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle

(Continuação do n.º 36)

— Permitam-me que lhes lembre que, ao virmos aqui, estávamos encarregados duma missão definida, que nos foi confiada na reunião do Instituto Zoológico de Londres: estávamos incumbidos de verificar as afirmações do professor Challenger. Ora, sou obrigado a admitir que nós estamos já em condições de testemunhar a verdade. A nossa obra, portanto, terminou. Tudo o que há ainda a fazer no planalto representa um encargo tão vasto, que só uma grande expedição, provida de todo o material necessário, poderia a rigor meter ombros à emprêsa. Pretendendo nós mesmos levá-la a cabo, comprometemos o nosso regresso e, por conseqüência, a contribuição decisiva que levariam à sciência os nossos primeiros resultados. O professor Challenger concebeu o meio de nos fazer subir a êste planalto que parecia inacessível: creio que temos o dever de exigir do seu engenho um outro meio que nos reconduza ao mundo, de onde viemos.

Confesso que o discretear de Summerlee me pareceu inteiramente razoável. O próprio Challenger comoveu-se com a idea de que os seus adversários não seriam convencidos do êrro em que laboravam se a prova das suas afirmações não chegasse até àqueles que as tinham posto em dúvida.

— À primeira vista — disse êle — o problema da descida parece formidável. No entanto, não duvido de que a inteligência encontre uma solução. Estou pronto a concordar com o meu colega em que um estacionamento prolongado na Terra de Maple White não se justificaria no presente momento e que a questão do regresso é urgente. Mas recuso-me a abandonar êste país antes de o termos examinado, mesmo superficialmente, antes de estarmos munidos com elementos com que possamos organizar qualquer coisa parecida com um mapa.

Summerlee soprou de impaciência.

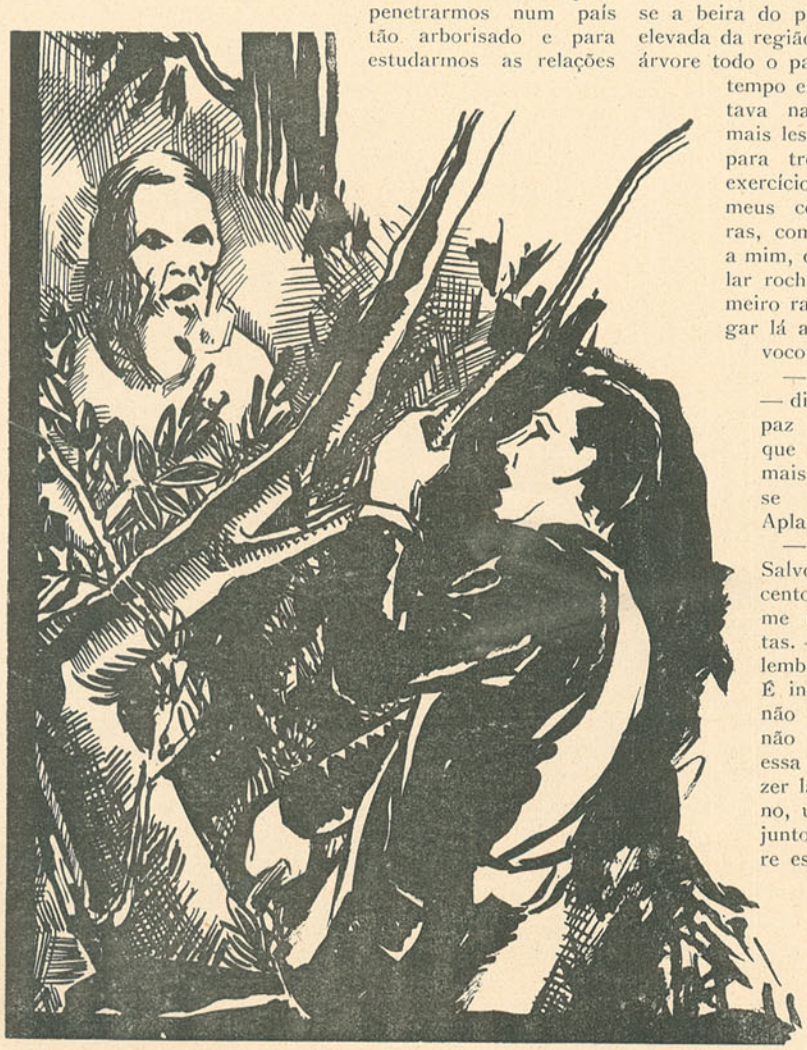
— Gastámos já dois dias em explorações — disse êle — e não estamos muito adiantados como geógrafos. Seriam precisos muitos meses para penetrarmos num país tão arborisado e para estudarmos as relações das suas diferentes partes entre si. A existência duma elevação central simplificaria muito as coisas, mas, segundo temos visto, todo o planalto se inclina da periferia para o centro. Quanto mais longe formos menos probabilidades teremos de obter uma vista do conjunto.

Tive, neste momento, uma inspiração. O meu olhar encontrou, por acaso, o tronco nodoso do gingo que sôbre nós estendia os seus ramos gigantescos. Como excedia em largura as outras árvores, certamente também em altura as excederia e se a beira do planalto era a parte mais elevada da região porque não dominaria a árvore todo o país, como uma tôrre? No tempo em que, petiz ainda, garotava na Irlanda, ninguem era mais lesto e audacioso do que eu para trepar às árvores. Dêste exercício podia eu dar lições aos meus companheiros de aventuras, como êles me tinham dado, a mim, quando se tratara de escalar rochas. Posto um pé no primeiro ramo, não deixaria de chegar lá acima. A minha idea provocou transportes de alegria.

— O nosso amigo Malone — disse Challenger — é capaz de fazer acrobatismos que um homem de aparência mais sólida e mais imponente se não permitiria fazer. Aplaudo a sua resolução.

— *By George,* meu rapaz! Salvou a situação! — acrescentou lord Roxton, batendo-me amigavelmente nas costas. — Como é que nos não lembrou isto há mais tempo? É inconcebível. Já quási que não temos diante de nós senão uma hora de luz, mas essa hora chega para nos trazer lá de cima, no seu caderno, um traçado vago do conjunto. Aproximemos da árvore estas três caixas de munições. Eu me encarrego de o levantar até ao primeiro ramo.

Em pé sôbre as caixas, êle ajudava-me lentamente a subir ao longo do tronco, quando Challenger, com a sua manápula, me deu um tal impulso que



O sêr a quem êle pertencia, oculto até então pela folhagem, fez um movimento idêntico ao meu

quási me atirou para o meio dos ramos. Agarrei-me a um ramo e, ajudado pelos braços e pelas pernas, erguendo-me pouco a pouco até êle, consegui pôr-lhe os joelhos em cima.

Precisamente por cima da minha cabeça havia umas braçadas dispostas como degraus de escada e mais no alto um emaranhamento de ramos. Com tal velocidade fui trepando que dentro em pouco perdi o chão de vista e encontrei-me rodeado de folhagem.

De quando em quando encontrava um obstáculo, como, por exemplo, um cipó de oito a dez pés, que tive de subir a pulso, mas a minha ascensão prosseguia nas melhores condições e a voz cava de Challenger chegava-me aos ouvidos, como um som muito longínquo. Todavia, quando levantava os olhos não via a folhagem tornar-se menos espessa. Um tronco a que deitara as mãos sustentava um grande tufo de plantas parasitárias: debrucei-me para vêr o que havia por detrás dessa vegetação emaranhada e estive em riscos de caír, fulminado de surprêsa e de horror.

À distância de um a dois pés, um rosto defrontava-se com o meu. O sêr a quem êle pertencia, oculto até então pela folhagem, fez um movimento idêntico ao meu. O seu rosto era um rosto humano, pelo menos mais humano do que o de qualquer macaco conhecido: comprido, esbranquiçado, pustulento, com o nariz achatado, o maxilar inferior proeminente, um colar de pêlos raros em volta do queixo. Os olhos, sob as sobrancelhas espessas, luziam ferozmente e, tendo aberto a bôca para rosnar alguma coisa que me deu a impressão de ser uma imprecação, notei que os seus caninos eram curvos e ponteagudos. Durante um momento li, naquele olhar mau que me fitava, ódio e ameaça. Depois, rápido como um relâmpago, invadiu-o uma expressão de terror pávido. O rosto desapareceu; os ramos gemeram e partiram; só tive tempo para entrever um corpo coberto de compridos pêlos, que se esgueirava e tudo se perdeu num remoínho de troncos e de fôlhas.

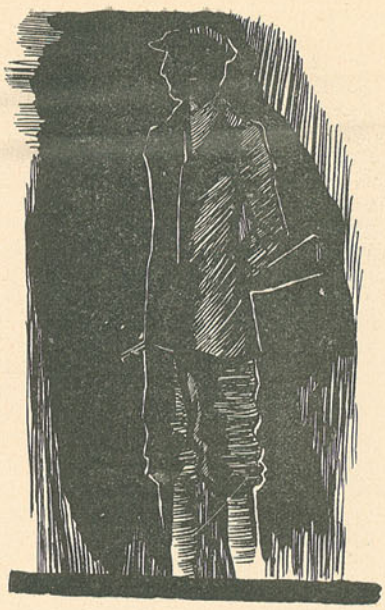
— O que há? — gritou-me lord Roxton, lá de baixo. — Nada de desagradável, não?

— Viram? — disse eu, com todos os nervos em vibração e os dois braços passados em roda do tronco.

— Ouvimos um grande barulho, como se fôsse a caír. O que era?

Na perturbação em que me lançara esta inquietante e súbita aparição do homem-macaco, eu preguntava a mim mesmo se havia de descer para dar conhecimento dela, imediatamente, aos meus companheiros. Mas eu estava já tão lá em cima, na árvore, que tive vergonha de não ir até ao fim.

Depois de uma longa pausa, de que eu bem necessitava para tomar alento e coragem, continuei a minha ascensão. Um galho pôdre partiu-se e durante um momento fiquei suspenso pelas mãos, do ramo superior, mas continuei a trepar sem dificuldades de maior. Pouco a pouco a folhagem rareava, o vento açoitou-me o rosto e eu percebi que dominava já tôdas as árvores da floresta, mas como não queria olhar em redor sem ter atingido o cimo, continuei a trepar até sentir o último galho vergar sob o meu pêso. Logo que o atingi, instalei-me na intersecção de dois ramos e, balouçando-me em segurança, pus-me a admirar o panorama.



Empunhei uma arma, tinha já os bolsos cheios de cartuchos, afastei vivamente os arbustos que fechavam a porta do nosso "forte,, e saí

O sol razava o horizonte, a tarde estava límpida, o planalto revelava-se inteiramente aos meus olhos: formava uma concavidade oval de cêrca de trinta milhas de comprido por vinte de largo, cujo fundo era ocupado por um lago, que podia ter duas milhas de circunferência. Êste lago, duma bela côr verde, bordado de canaviais e mosqueado de bancos de areia, brilhava como ouro à luz do poente. Uns vultos sombrios, muito grandes para serem aligators e muito compridos para serem canôas, estiravam-se nos bancos de areia. Com o meu binóculo verifiquei que êles mexiam, mas não lhes pude determinar a natureza.

Do lado onde nos encontrávamos, os bosques, cortados de clareiras, desciam numa extensão de cinco ou seis milhas para o lago central. Mesmo a meus pés avistava a clareira dos iguanodons; mais longe, um espaço circular entre as árvores indicava-me o pântano dos pterodactilos. O lado do planalto que me ficava em frente oferecia outro aspecto: a muralha basáltica do exterior reproduzia-se no interior. Uma muralha de cêrca de duzentos pés de altura levantava-se a pique, acima das encostas arborisadas e na parte inferior dêste muro avermelhado, a uma certa distância do solo, eu distinguia com o binóculo um certo número de buracos negros, que eram provavelmente entradas de cavernas e diante dum dêsses buracos qualquer coisa branca, que não pude reconhecer. Já o sol tinha desaparecido havia muito e ainda eu estava a desenhar a configuração do país e só deixei de o fazer quando a noite se cerrou, porque já me não era possível distinguir qualquer pormenor. Foi então que desci. Os meus companheiros esperavam-me com impaciência. Desta vez, todo o mérito do empreendimento me pertencia, porque fôra eu quem o concebera e realizara. A carta que eu acabava de levantar poupava-nos um mês de tentativas, através do mistério e do perigo. Todos me apertaram solenemente a mão. Mas antes dêles examinarem a carta da região, contei-lhes o meu encontro com o homem-macaco.

— Êle espiava-nos desde a nossa chegada — disse eu.

— Como é que sabe isso? — preguntou lord John.

— Nunca deixei de sentir incidindo sôbre nós uma vigilância hostil. Eu falei-lhe nisso, professor Challenger.

— O nosso amigo, com efeito, disse-me qualquer coisa nesse género. Entre nós é êle o único dotado do temperamento celta, que o deve tornar sensível a semelhantes impressões.

— A teoria da telepatia... — começou Summerlee, atacando de tabaco o cachimbo.

— Levar-nos-ia muito longe — atalhou Challenger. — Vejamos — acrescentou, no tom dum bispo preguntando o catecismo — observou se o ente em questão podia dobrar o polegar sôbre a palma da mão?

— Não — respondi.

— Tinha cauda?

— Não.

— Os pés eram preenseis?

— Duvido de que se pudesse ter escapado tão depressa através dos ramos, se não tivesse a faculdade de se agarrar aos galhos com os pés.

— Salvo êrro, que o professor Summerlee poderá rectificar, encontram-se na América do Sul trinta e seis espécies de macacos, mas o macaco antropóide não é aqui conhecido. É, todavia, para mim evidente que êle existe por cá e que não pode tratar-se de uma variedade de gorila, porque nunca se viram gorilas senão em África e no Oriente. *(Nesta altura tive desejos de acrescentar, ao olhar para o professor, que, pelo menos, já tinha visto, em Londres, um parente próximo de gorila.)* O sêr em questão é do tipo barbado, sem côr, e esta última particularidade tende a provar que êle passa os seus dias nas árvores. A questão consiste em saber se êle se aproxima mais do homem do que do macaco: neste caso, êle poderia talvez constituir aproximadamente êsse tipo a que vulgarmente se chama *missingliink*. (*) Temos por dever resolver imediatamente êste problema.

— Nada disso — replicou bruscamente Summerlee. — Desde que, graças à inteligência e à agilidade do senhor Malone (citito as suas próprias palavras), já possuimos uma carta geográfica do país, o nosso dever imediato é procurarmos saír daqui o mais breve possível. Nós só temos de contar o que temos visto e no que diz respeito a exploração confiamos isso a outros. Isto foi o que ficou combinado, na presença do senhor Malone, antes de termos a carta.

(*) O elo que falta, isto é, o elo que falta na cadeia zoológica, a espécie intermédia que liga o homem ao macaco, preenchendo a solução de continuidade que existe entre os dois seres superiores da escala animal.

— Seja assim — disse Challenger. — Reconheço que só estarei tranquilo no dia em que os nossos amigos conhecerem o resultado da nossa expedição. Presentemente não faço a menor idea da maneira por que sairemos daqui. No entanto, como nunca encontrei um problema que o meu espírito inventivo não resolvesse, desde ámanhã começarei a estudar a questão da nossa retirada.

Assentámos nesta promessa e, nessa mesma noite, ao clarão da nossa fogueira e duma simples vela desenhámos a primeira carta da Terra de Maple White. Cada pormenor que, pouco mais ou menos, eu notara lá do alto do meu observatório foi colocado com exactidão no seu lugar. Num dado momento, o lápis de Challenger deslisou sôbre o traçado do lago.

— Que nome lhe havemos de pôr? — preguntou êle.

— Porque não aproveita a ocasião para perpetuar o seu nome? — disse Summerlee, com a sua habitual ironia.

— Espero, meu caro senhor — respondeu severamente Challenger — que o meu nome terá outros títulos com que se imponha à posteridade. O último dos ignorantes pode impor o próprio nome, infligindo-o a uma montanha ou a um rio. É um género de comemoração de que não preciso.

Summerlee, com um sorriso torcido, preparava-se para um novo ataque, mas lord John interpôs-se.

— É a si, meu rapaz — disse-me êle — que compete dar um nome a êste lago. Foi quem primeiro o viu e, *by George!* se lhe agrada chamar-lhe «Lago Malone» ninguem tem mais direitos que o senhor a essa preferência.

— Sem dúvida — aprovou Challenger. — O nosso amigo que escolha o nome do lago.

— Nesse caso — disse eu, córando — chamar-lhe-hei «Lago Gladys».

— Não lhe parece — disse Summerlee —que «Lago Central» seria uma designação mais explícita?

Challenger, levantando a enorme cabeçôrra com ar trocista, dirigiu-me um olhar de simpatia.

— Seja «Lago Gladys»! —concluiu êle. — As crianças hão de ser sempre crianças!

CAPÍTULO XII

ATRAVÉS DA DENSA TREVA

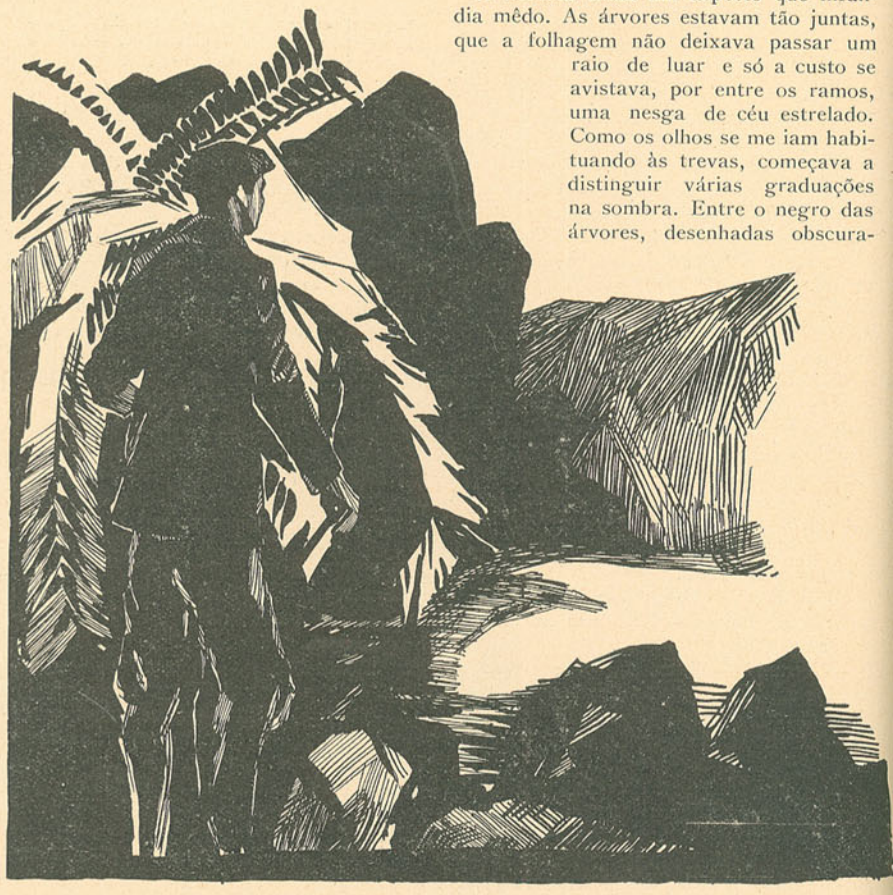
Disse já — ou talvez me tenha esquecido de o dizer, porque a minha memória, presentemente, faz-me destas partidas — que estava radiante por ouvir três pessoas tão consideráveis dirigirem-me os seus agradecimentos por eu ter, senão salvo, pelo menos melhorado muito a situação. Sendo o mais novo do grupo, não só pelo número de anos, mas ainda pela experiência, pelo carácter, pelo saber, por tudo o que completa o homem, eu tinha até então estado eclipsado. Mas eis-me entrado em plena luz, posto em foco! Entusiasmava-me com esta idea. Orgulho fatal, precursor da queda! Aumentando em mim próprio a confiança, êsse ogulho arrastava-me para uma aventura espantosa, nessa noite mesmo. Ainda não posso pensar na maneira por que ela terminou sem que se me confranja o coração.

Excitado, sem grande razão, pelos acontecimentos do dia, eu não conseguira adormecer. Summerlee estava de guarda e eu via a sua silhueta angulosa e grotesca inclinada para a fogueira. Tinha a carabina de través, entre os joelhos e a barbicha de cabra tremelicava-lhe a cada movimento que fazia com a cabeça. Lord John repousava tranquilamente, envolto no seu *poncho* sul-americano. Challenger acordava os ecos da floresta com o seu ressonar. A lua cheia resplandecia, o ar estava frio. Que bela noite para um passeio! «E porque não?» pensei, súbitamente. Se eu deslisasse furtivamente até lá fora, se fôsse até ao lago central e se, voltando para almoçar, trouxesse algumas boas observações, os meus companheiros não me ficariam considerando, mais do que nunca, um digno e proveitoso auxiliar?

E se a opinião de Summerlee viesse a prevalecer, se viessemos a encontrar um meio de evasão, seriamos nós quem levaria, em primeira mão, a Londres, informações acêrca do planalto, pois que seria eu quem antes de quaisquer outros, teria chegado até ao centro da região! Pensei em Gladys, recordei-me das suas palavras sôbre «as possibilidades de heroismo», pareceu-me estar a ouvi-las. E pensei também em Mac Ardle! Que artigo para o nosso jornal! E que belo princípio de carreira! Na primeira ocasião nomeavam-me correspondente de guerra! Empunhei uma arma, tinha já os bolsos cheios de cartuchos, afastei vivamente os arbustos que fechavam a porta do nosso «forte» e saí. Lancei ao acampamento um último olhar e vi Summerlee a +++++++ — pobre sentinela balouçando diante dos últimos tições uma cabeça de boneca mecânica.

Ainda não tinha andado cem jardas e já eu deplorava a minha temeridade. Creio que algures, nestas cartas, expliquei já o meu temperamento: sou muito imaginoso para poder ter, de facto, coragem, mas o que em mim predomina é o mêdo de parecer que tenho mêdo. Foi êsse sentimento que me empurrou para a frente. Eu não podia retroceder no caminho sem ter feito qualquer coisa. Ainda que os meus companheiros não tivessem dado pela minha ausência, sabendo que êles não conheceriam nunca a minha fraqueza, mesmo assim eu guardaria para sempre a recordação duma vergonha se não continuasse a avançar. E todavia arrepiava-me pensar na situação em que me colocara e daria tudo o que possuia para me saír dela airosamente.

A floresta tinha um aspecto que infundia mêdo. As árvores estavam tão juntas, que a folhagem não deixava passar um raio de luar e só a custo se avistava, por entre os ramos, uma nesga de céu estrelado. Como os olhos se me iam habituando às trevas, começava a distinguir várias graduações na sombra. Entre o negro das árvores, desenhadas obscuramente na treva, abriam-se outros negrumes mais profundos, como bôcas de cavernas e quando lhes passava pela frente, eu não podia dominar um arrepio de terror. Lembravam-me os gritos de iguanodon torturado, êsse lamento horrível, desesperado, que tinha feito *vibrar* o bosque... Lembrava-me aquele focinho cheio de baba, pustulento e balôfo, que o archote de lord John me tinha permitido entrever. Eu atravessava, precisamente, o campo de



O lago Gladys, o meu lago, alongava na minha frente o espelho das suas águas, em que se reflectia a lua

caça do terrível monstro anónimo, que dum momento para o outro podia precipitar-se sôbre mim, saindo da treva. Detive-me e, pegando num cartucho, dispus-me a carregar a arma, mas quando toquei na culatra, o sangue gelou-se-me nas veias: em vez da carabina, tinha trazido a espingarda de caça.

Novamente me assaltou um furioso desejo de voltar para trás, tanto mais que, cedendo à razão, o meu valor não ficava diminuido aos olhos de ninguem. Mas a minha vaidade opôs-se a que o fizesse. Não podia, não devia ceder. De resto, contra os perigos que eu afrontava, uma carabina de pouco mais me serviria do que a espingarda de caça. Se eu voltasse ao acampamento para trocar a arma, talvez não pudesse entrar e tornar a saír sem ser pressentido: haviam de pedir-me explicações e o mérito da emprêsa não seria só meu. Dominei rápidamente as minhas hesitações e, enchendo-me de coragem, retomei o caminho, levando debaixo do braço a minha arma inútil.

Se as trevas da floresta eram temíveis, bem mais temível era a branca e plácida onda de luar, que inundava a clareira dos iguanodons! Oculto por trás dum arbusto, percorri-a com o olhar, sem vêr nenhum dêsses grandes animais. Talvez tivessem emigrado, depois do drama em que um dêles tinha perecido. No nevoeiro prateado da noite nada se agitava. Encorajei-me, atravessei rápidamente a clareira e fui encontrar, no lado oposto, entre o mato, o regato que me servia de guia, amável e reconfortante companheiro, cujo alegre murmúrio me recordava uma outra ribeira, na qual, em pequeno, eu ia à noite pescar trutas. Por vezes perdia-o de vista, por causa da espessura do mato, mas não deixava de ouvir o seu límpido murmurar.

À medida que eu ia descendo, a floresta ia-se tornando menos espessa, com intervalos maiores entre as árvores e assim eu avançava mais rápidamente, vendo e sem possibilidade de ser visto. Perto do pântano dos pterodactilos, um dêles, que media cêrca de vinte pés de altura, levantou-se de súbito, bateu sêcamente as asas e voou. Quando êle passou em frente da lua, as asas membranosas iluminaram-se-lhe por transparência, dando-lhe o aspecto dum esqueleto voando na alvura serena da noite tropical. Ocultei-me entre a espessura, sabendo por experiência própria que bastaria um grito seu para acirrar contra mim uns centos de pterodactilos e assim esperei que êle pousasse de novo para retomar o meu caminho.

A noite era calma e eu comecei a ouvir, na minha frente, um ruido surdo, um murmúrio contínuo. À medida que caminhava o som aproximava-se e engrossava, mas quando eu parava conservava a mesma intensidade. Era, portanto, motivado por uma causa que se não deslocava. Assemelhava-se ao ruido da água a ferver. Não tardou muito que a sua origem me fôsse revelada: no meio de uma pequena clareira descobri um lago, ou, melhor, — porque não era maior do que a fonte da Trafalgar-Square — um tanque, cuja superficie, negra como pez, inchava em grossas bôlhas, que rebentavam. Por cima do lago as camadas de ar reluziam de aquecidas e a terra em redor queimava-me as mãos quando a apalpei.

Evidentemente, as fôrças vulcânicas, que tantos séculos antes, tinham formado o planalto, não estavam ainda completamente extintas. Já entre a vegetação luxuriante, que o revestia, eu tinha notado, em vários sítios, pedaços de rochas enegrecidas e montículos de lava, mas êste tanque de asfalto no meio do mato era a indicação mais evidente duma persistente actividade vulcânica nas proximidades dos bordos da antiga cratera. Como eu queria estar cêdo de volta ao acampamento, faltava-me o tempo para examinar a minha descoberta.

Deslisei lentamente para fora da cova, sentei-me no chão e assim fiquei um certo tempo, pronto a saltar de novo para o meu buraco ao primeiro sinal de perigo

Enquanto eu viver, esta minha emprêsa temerária há de ficar-me na memória, como uma das piores recordações da minha vida. Para atravessar as grandes chapadas de luz eu dissimulava-me nos rebordos da sombra; no mato avançava de rôjo, detendo-me, com o coração a palpitar, de cada vez — e foram muitas — que os ramos se agitavam à passagem de um animal. Constantemente apareciam e desapareciam uns vultos, grandes, silenciosos e misteriosos, que pareciam caminhar sôbre patas de veludo. Detinha-me inúmeras vezes na intenção de retroceder, mas logo a vaidade, mais forte que o mêdo, me empurrava para o fim que eu ambicionava atingir.

O meu relógio marcava a uma hora quando, enfim, por entre as árvores scintilaram os reflexos da água e dez minutos depois eu contrava-me no meio dos canaviais, que orlam o lago central. Cheio de sêde, deitei-me por terra e bebi, a grandes golos, da sua água, que era doce e fresca. Uma larga pista coberta de pègadas indicava que os animais vinham ali dessedentar-se. Perto da margem erguia-se, solitário, um bloco de lava. Trepei a esta iminência e o meu olhar mergulhou livremente em tôdas as direcções.

A primeira coisa que vi encheu-me de espanto. Disse já que do alto da árvore distingui, na muralha interior do planalto, um certo número de manchas escuras, que pareciam aberturas de cavernas. Olhando agora de mais perto esta mesma muralha, via-a salpicada de discos luminosos, vermelhos e definidos como as vigias dum paquete. Durante um momento pareceu-me vêr um luzir de lavas e julguei que se tratava de uma manifestação vulcânica, mas depois reflecti que tal manifestação, a dar-se, não se produziria na parte alta das rochas, mas em baixo, no côncavo do planalto.

Que significavam, portanto, aquelas manchas vermelhas? Uma única coisa, inverosímil e todavia certíssima: que nas cavernas ardiam fogueiras, acêsas pela mão do homem. Havia, pois, no planalto sêres humanos! Que gloriosa justificação da minha emprêsa! E que novas interessantíssimas eu levaria para Londres!

Durante muito tempo estive olhando para o tremular dessas chamas. Mesmo à distância de 10 milhas — que, segundo o meu cálculo, eram as que me separavam dos fogos — eu via-as perfeitamente crepitar e velarem-se quando alguem lhes passava pela frente. O que não daria eu para me arrastar até junto delas, para mais de perto observar e poder elucidar os meus companheiros sôbre o aspecto e costumes da gentee que habitava um tão singular local! Provisòriamente, devia contentar-me com a minnha descoberta, mas nós não podiamos abanddonar o planalto sem a termos esclareciddo.

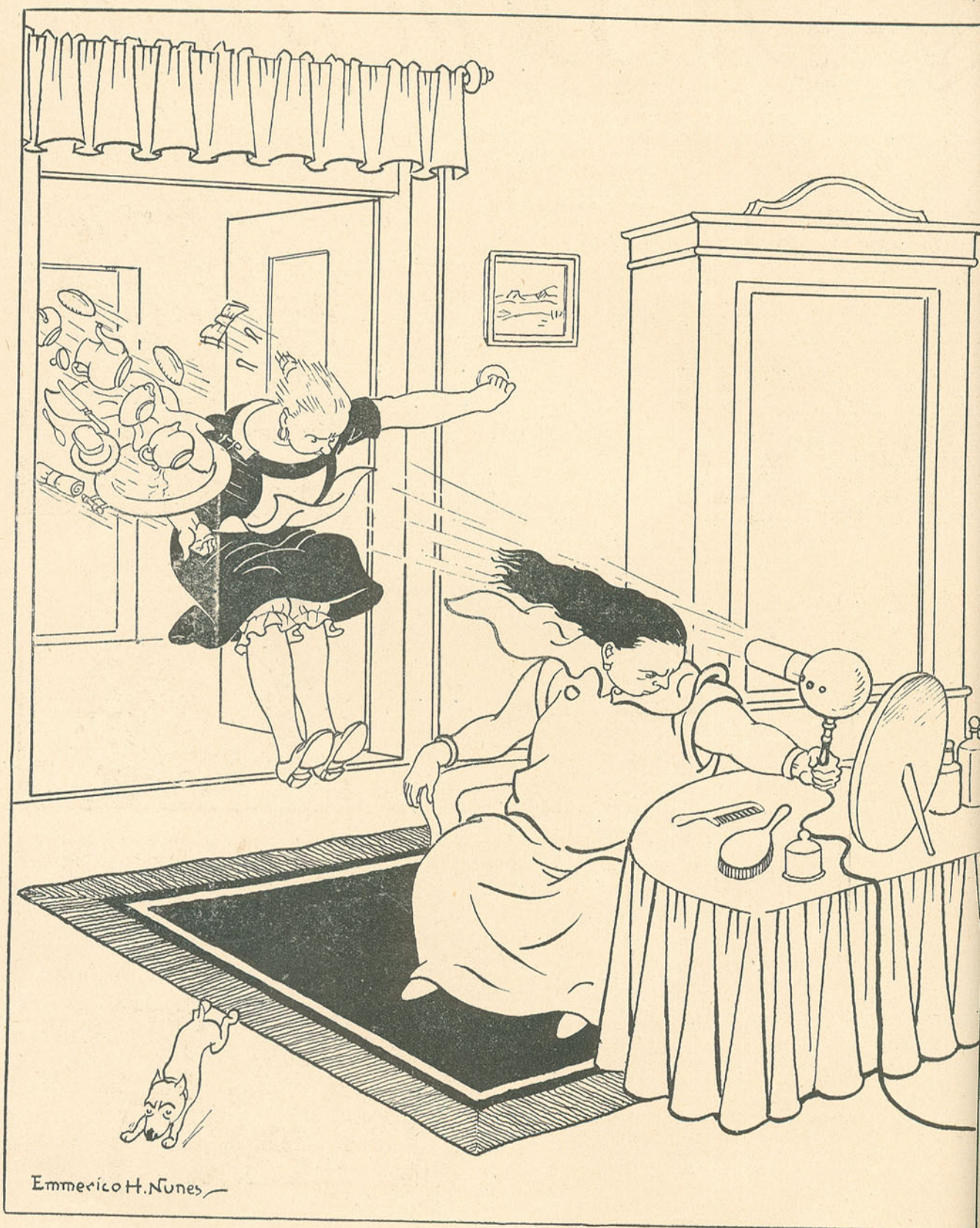
O klago Gladys, o meu lago, alongava na minhaa frente o espelho das suas águas, em que sse reflectia a lua. Era pouco profundo, porquue em vários sítios emergiam bancos de areia. Por tôda a parte a vida se revelava, , à superfície: ou eram círculos de rugas oque se formavam, ou um peixe prateadoo que saltava no ar, ou um monstro que passava, arqueando o dorso côr de ardósssia.

(Continua)

Vêr, nos numeros 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance O MUNDO PERDIDO

MARAVILHAS DA ELECTRICIDADE..

(DESENHO DE EMMERICO NUNES)



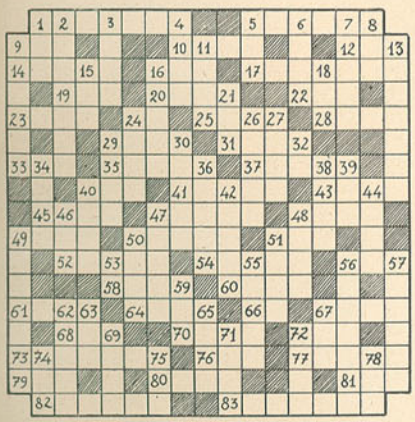
— TRAGO AQUI O ALMOÇO, MINHA SENHORA!

— ESTOU JÁ COM GRANDE APETITE, MAS LIGUE AÍ A ELECTRICIDADE PARA PRIMEIRO ENXUGAR O CABELO...

Passatempo

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

1 Cultivador, em arte. — 5 Tubo. — 9 Única. — 10 Número. — 12 Da ave. — 14 Brinde. — 16 Um dos Papas. — 17 Instigador. — 19 Ecoa. — 20 Energia. — 22 Aro. — 23 Linhas. — 24 Virtude. — 25 Forma elíptica. — 28 Raiva. — 29 Arranca. — 31 Trecho para uma só voz. — 33 Ensêjo. — 35 Uma das marcas dos relógios. — 37 Infiel (ant.) — 40 Fila. — 41 Parte da medicina Hindu que trata dos antidotes contra as venenos. — 43 Aro para o calçado. — 45 Instrumento para afiar. — 47 Débil. — 48 Semente. — 49 Cacête. — 50 General Grego que livrou a pátria do jugo de Nicocles.—51 Na igreja. — 52 Em que lugar. — 54 Levantar. — 56 Ordem. — 58 Apelido dum astrónomo português. — 60 Elevado. — 61 Engôdo. — 64 Montanha da Grécia. (geogr. ant.) — 66 Contracção. — 67 Animal doméstico. — 68 Quantidade de tempo. — 70 Afeição forte. — 72 Grêda branca. — 73 Duas unidades. — 76 Senhor. — 77 Risco. — 79 Anel. — 80 Haste. — 81 Vantagem natural. — 82 Deusa da justiça. — 83 Soberanas.

Verticalmente:

1 Governanta. — 2 Raptado. (ant.) — 3 Noção. — 4 Uma das cinco partes do mundo. — 5 Grande quantidade. — 6 Templo. — 7 Para jogar. (pl.) — 8 Extensão. — 9 Freqüente. — 11 Deus dos ventos. — 13 Arranjo. — 15 Notas musicais. — 16 Oração. — 18 Pronome. — 21 Primeira mãe. — 24 Renome. — 26 Instrumento agrário. — 27 Luta. — 29 Couro curtido. — 30 Árvore das Índias. — 32 Gás. — 34 Engano. — 36 Mineral. — 38 Lugar onde se limpam cereais. — 39 Interjeição para chamar ou que indica espanto. — 40 Ato. — 42 Naquele lugar. — 44 Tempo presente. — 46 Tinta. — 47 Fretamento. — 48 Passeio. — 49 Instrumento musical. — 50 Área de terreno em frente dos templos. — 51 Ave vulgar. — 53 Laço. — 55 Límpido. — 56 Lenda. — 57 Estampa. — 59 Amarra. — 62 Tubos. — 63 Nome feminino. — 65 Estimar. — 67 Época. — 69 Resar. — 71 Nome de dois califas mussulmanos. — 72 Espécie de tríbu. — 74 Cólera. — 75 Dos peixes. — 78 Tira de pano.

• •

A CRUZ GREGA

(Problema)

Não é nada difícil êste problema. Cortem uma cruz grega, simétrica, igual a esta, em cinco pedaços de modo que um dêsses pedaços seja, por sua vez, uma cruz grega, simétrica, mais pequena, e fazendo com que os restantes quatro pedaços se ajustem uns aos outros e formem um quadrado perfeito.

• •

Um trabalhador de campo salvara um comboio duma catástrofe e fôra, em paga da sua dedicação, presenteado pela companhia dos caminhos de ferro, com um relógio de ouro dentro dum estôjo de marroquim vermelho.

O presidente da companhia no final dum eloqüente discurso, entregou o relógio ao heróico jornaleiro, e ficou esperando ouvir-lhe os agradecimentos.

O homem abriu o estôjo de marroquim, tirou de dentro o relógio, e em seguida levantou os olhos e disse:

— Que é dela a corrente?

PALAVRAS CRUZADAS

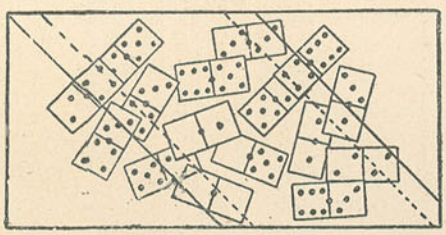
(Solução do n.º 36)

■	L	I	M	A	■	V	E	R	A	■				
S	A	■	A	L	V	E	S	■	G	O				
A	R	O	■	T	E	R	■	B	A	R				
■	■	■	C	E	S	A	R	■	■	■				
N	E	R	O	■	T	■	E	G	A	S				
E	M	I	R	■	A	■	N	E	M	O				
M	I	■	E	■	L	■	D	■	E	L				
■	L	U	A	R	■	S	A	U	L	■				
S	I	R	■	U	R	I	■	T	I	O				
■	A	S	N	A	■	A	S	I	A	■				
■	■	A	I	S	■	M	E	L	■	■				

• •

UM DOMINÓ DIABÓLICO

(Solução)



As linhas diagonais indicam como se devem fazer as duas pregas para que o número de pedras diminua de metade.

VALENTINA (a quem não agradam as s teorias da nova madrasta, "deitar cedo e levantar cedo,,): — Parece-me que uma mulher que faz'az ir a gente para a cama quando se não tem sono e levantar quando se tem, não entende lá muituito de crianças! (Do "Punch,,)

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM MAIO DE 1927

LITERATURA

BALSEMÃO (JAIME DE) — *A romagem maravilhosa*. Contos. 219 p. 8.° — 15$00.

BENOIT (PIERRE) — *O Pôço de Jacob*. Romance. Trad. de J. Preto Pacheco. 280 p. 8.° — 10$00.

BRUN (ANDRÉ) — *A Sogra do Barba-Azul*. Il. de Alonso. 203 p. 8.° — 7$50.

C. C. — *A naturalidade de Diogo Bernardes*. Subsídios para a história da literatura portuguesa. 109 p. 8.° — 10$00.

CÂMARA LIMA — *Com isto não enfado mais...* Páginas de sentimento e de bom-humor. 206 p. 8.° — 8$00.

CARTOUX (PAUL) e HENRI DECONI — *O Ás do pedal*. Cine-romance desportivo. Trad. de Oldemiro César. Capa de Alfredo Morais. 115 p. 8.° — 4$00.

CASTRO (D. JOÃO DE) — *Auto da Primavera*. 15 p. — 3$00.

CERVANTES SAAVEDRA (MIGUEL DE) — *Aventuras de D. Quixote contadas ás crianças*. (Colecção Manecas, dirigida por Henrique Marques Júnior). 70 p. 8.° — 3$00.

Contos da Carochinha. Histórias para crianças. 5.ª ed. emendada. 200 p. 8.° c. grav. — 7$00.

DINIZ (MARIA) — *Vôos*. Versos. 101 p. 8.° — 10$00.

GRAVE (JOÃO) — *O Santo*. 234 p. 8.° — 6$00.

LAGE (FRANCISCO) e JOÃO CORREIA DE OLIVEIRA — *A Verdade*. Comédia-dramática em 3 actos. Il. de Carlos Carneiro. 259 p. 8.° c. grav.

LOPES VIEIRA (AFONSO) — *Os Versos de. — Antologia*. 319 p. 8.° — 15$00.

LOUREIRO (JOÃO MARIA) — *Feras*. Poema. 14 p. — 1$50.

M. T. M. — *Príncipes e princesas encantados*. Contos para crianças... (Bib. maravilhosa para crianças). 79 p. 8.° c. grav. — 2$50.

MANSOS RIBEIRO (A.) — *Garçonnices*. 2.ª ed. 110 p. 8.° — 6$00.

MEDEIROS (OCTÁVIO DE) — *Afonseida*. 2.ª ed. — 123 p. 8.° — 10$00.

MIRANDA (D. JORGE DE) — *A Leviana*. 2.ª ed. 34 p. 8.° — 7$50.

PALÁCIO VALDÉS (A.) — *Os «Majos» de Cádiz*. Trad. de Tomás Ribeiro Colaço. 272 p. 8.° — 10$00.

PEREIRA (J. FRANCISCO) — *Os três órfãos*. Romance. 234 p. 8.°

SIENCKIEWICZ (HENRIK) — *Quo vadis?* Romance dos tempos neronianos. Trad. do Rev. José Carlos Alves Vieira. 229 p. 8.°

SILVA CORREIA (JOÃO DA) — *A linguagem da mulher em relação à do homem*. 52 p. 8.° — 7$50.

TEIXEIRA DE CASTRO (AURORA) — *Lembrança do passado*. Verso. 141 p. 8.° — 7$50.

TERRAIL (PONSON DU) — *A mocidade do rei Henrique*. Romance. 180 p. 8.° — 5$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

BRIAC (SAINT) — *Tratado de cozinha vegetariana*. 126 p. 8.° — 6$00.

CHAGAS FRANCO — *A Humanidade, raças e povos*. (A Evolução da Humanidade, Biblioteca de Evolução Social). 188 p. 8.° — 6$00.

GENCÉ (CONDESSA DE) — *Guia mundano das meninas casadoiras*. Trad. e adaptação de Marieta Trindade. 2.ª ed. actualizada. 173 p. 8.° — 6$00.

MACEDO (FERNANDO GASPAR) — *O saneamento de Braga*. 96 p. 8.° — 8$00.

PEREIRA CARDOSO (ORLANDA MARIA) — *Plantas tintoriais portuguesas*. 61 p. 8.° c. mapa colorido. — 10$00.

SAGUER (TEÓFILO) — *A entoação*. Crítica scientífica sôbre pedagogia musical. 2.ª ed. 12 p. — 5$00.

TASHI (YO RITOMO) — *O triunfo na vida pela fôrça da vontade*. Adaptação ao português por A. Vítor Machado. (Bib. dos Livros Úteis e Scientíficos). 148 p. 8.° — 5$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

FREIRE (JOÃO PAULO) — (MÁRIO) — *A Questão Leonardo Coimbra*. Uma pendência religiosa... 48 p. c. 8 perfis de Armando de Boaventura. — 7$50.

Ordem dos advogados. Quadros provisórios dos advogados que requereram para ser inscritos de pleno direito e que poderão advogar no continente e ilhas adjacentes de Portugal. 56 p. 8.°

RIBEIRO SALGADO (FRANCISCO) — *Interêsses económicos luso-brasileiros*. Pref. do prof. Francisco António Correia. 445 p. 8.° — 20$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BENSAUDE (JOAQUIM) — *Luciano Pereira da Silva e a sua obra*. 36 p. 8.°

CASTILHO (JÚLIO DE) — *Memórias de Castilho*. 2.ª ed. Tomo I (Livro I). 322 p. 8.° — 20$00.

CÉSAR (VITORIANO JOSÉ) — *A Batalha de Ourique*. 45 p. c. grav. e um mapa. — 3$00.

RIBEIRO (HERLANDER) — *Crónicas da Rússia dos Soviets*. 203 p. 8.° — 10$00.

BELAS-ARTES

CORDEIRO DE SOUSA (J. M.) — *Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa*. 28 p. 4.° — 10$00.

VIEIRA DA SILVA (A.) — *A Velha Lisboa* (Arte, colecção de vulgarização dirigida por Albino Forjaz de Sampaio. N.° 1). Trad. francesa e inglesa de Margarida Barbosa. XL p. e mais 48 ilustrações. — 6$00.

«LE PORT DE LISBONNE» E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Quis agora a Comissão Administrativa do Pôrto de Lisboa redimir-nos, na parte que lhe compete, do não menos que vergonhoso atraso em que entre nós se encontram os serviços de propaganda do país no estrangeiro. Para isso deu à estampa um grosso volume ilustrado e impresso em luxuoso papel "couché„ que, pela sua atilada organização, pelo bom-gôsto evidenciado em todos os seus pormenores, pela sua artística feição gráfica e pelo subido interêsse do seu texto redigido e das nítidas e numerosas imagens que o embelezam, constitui acontecimento tão insólito no meio da rotina dos nossos hábitos e da proverbial timidez das nossas normas administrativas, — que, com franqueza, antes de nos convencermos de que tal iniciativa era portuguesa e saira duma entidade oficial, tivemos repetidas vezes de esfregar os olhos, temendo uma ilusão. Mas nada, afinal, mais certo. E porque o facto representa um óptimo sintoma, regosijemo-nos.

Elaborado com muito brilho e acêrto pelo distinto funcionário daquele estabelecimento do Estado, sr. Arnaldo Araujo Sousa, a quem cabem francos louvores, o aludido volume descreve nas suas 150 páginas tôda a série de melhoramentos que tem sido introduzida nos anos últimos no nosso pôrto de Lisboa, tornando-o apto a converter-se em privilegiado cais da Europa. E, a par, desenvolve uma larga propaganda de turismo em todo o país, através de sugestivas descrições e de múltiplos aspectos dos nossos mais imponentes edifícios arquitectónicos e das nossas mais belas praias e termas. Incluindo uma apreciável quantidade de mapas, gráficos, fôlhas desdobráveis, — a informação que êle fornece não poderia ser mais completa. "Le Port de Lisbonne„ é, para maior expansão do seu objectivo, escrito em francês. Não devemos omitir uma referência aos excelentes trabalhos de gravura que a obra patenteia: são dos conhecidos Irmãos Bertrand, que também trabalham para a nossa revista. Igualmente tem jus a menção a feitura gráfica, perfeita, da tipografia da Biblioteca Nacional, oficina hoje, infelizmente, "in articulo mortis„.

— Foi-nos enviado um tomo de grande formato com o título de "Clima de Coimbra (The Climate of Coimbra)„, publicado pelo Observatório Meteorológico daquela cidade e contendo o resumo das observações feitas nesse instituto desde 1866. Organizou êste valioso trabalho o sr. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, director do Observatório e professor da Faculdade de Sciências. O texto é redigido em português e inglês e divide-se em duas partes: uma que trata dos elementos do clima em Coimbra; outra relativa à temperatura do ar naquela região. O volume contém ainda alguns mapas e gráficos.

• •

NOTA — Para aproximarmos tanto quanto possível a sua publicação na nossa revista da data a que é referida e porque a Biblioteca Nacional voltou a fornecer-nos com regularidade os seus elementos, — damos tambem nêste número Bibliografia Portuguesa *em vez de* Bibliografia Estrangeira, *que é norma alternar com ela. Esta alternativa, porém, restabelece-se daqui por diante, com a vantagem apreciável de publicarmos mais em dia a resenha dos livros portugueses.*

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao cambio do dia

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22$00	Escudos 44$00	Escudos 88$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	» 25$00	» 50$00	» 100$00
INDIA, MACAU E TIMOR	» 27$00	» 54$00	» 108$00
ESPANHA	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESTRANGEIRO	» 32$00	» 64$00	» 128$00

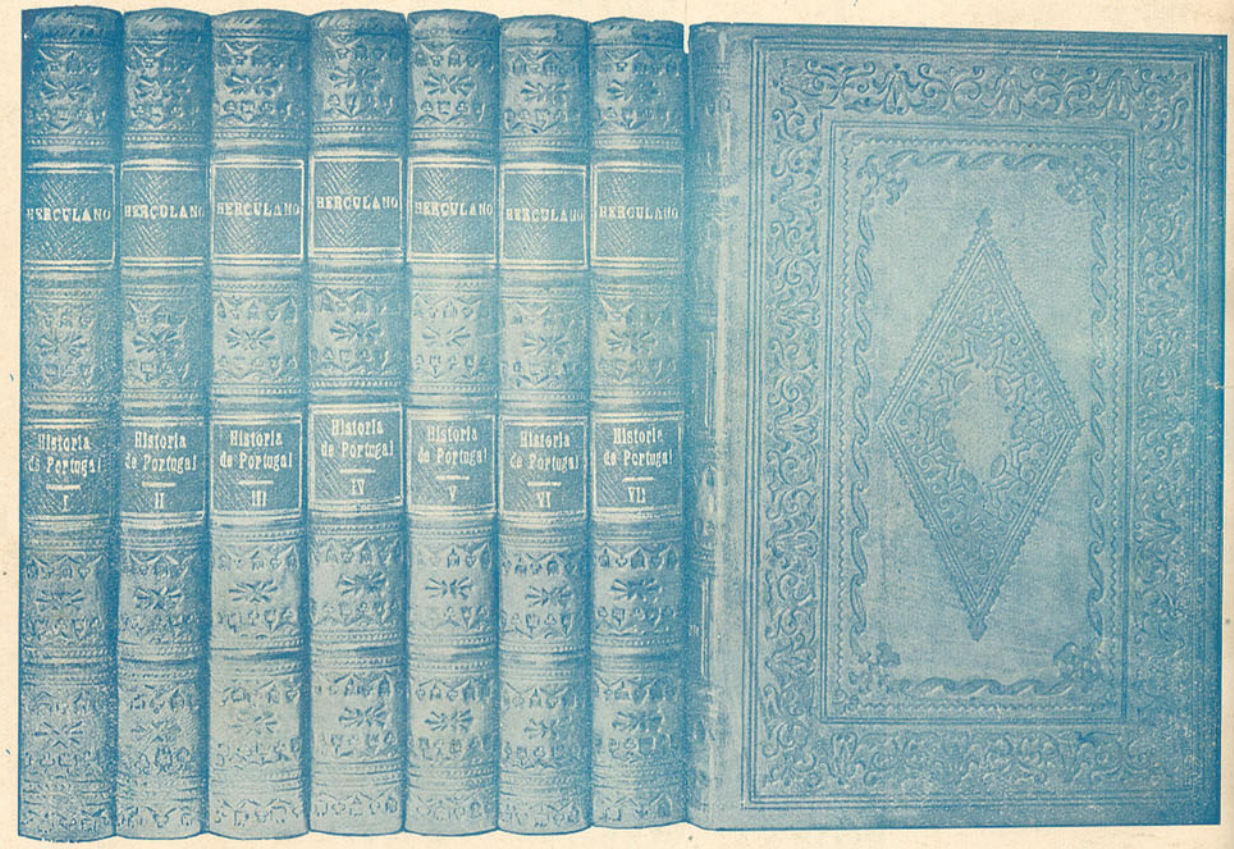
BERTRAND
IRMÃOS, LDA
FOTOGRAVADORES
T. DA CONDESSA DO RIO 27
LISBOA
TEL. T. 96.

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAÍU EM JUNHO O VOLUME II

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS — incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura . . . . . Esc. 10$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . Esc. 14$00

Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado. . . . Esc. 25$00

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adeantado — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA